

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

RICARDO RODRIGUES TAVARES

**JUDAÍSMO DO SÉCULO I E CRISTIANISMO EVANGÉLICO BRASILEIRO DO
SÉCULO XXI: COMPARATIVOS E PERSPECTIVAS DIANTE DA DIVERSIDADE**

SÃO PAULO

2023

Ricardo Rodrigues Tavares

**JUDAÍSMO DO SÉCULO I E CRISTIANISMO EVANGÉLICO BRASILEIRO DO
SÉCULO XXI: COMPARATIVOS E PERSPECTIVAS DIANTE DA DIVERSIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito final no curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Me. Marcos de Almeida

SÃO PAULO

2023

Tavares, Ricardo Rodrigues

Judaísmo do século I e cristianismo evangélico brasileiro do século XXI: comparativos e perspectivas diante da diversidade. / Ricardo Rodrigues Tavares. – São Paulo: Faculdade Teológica Batista, 2023.

60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão do Curso de Bacharel em Teologia

Orientador: Marcos de Almeida

1. Partidos Judaicos. 2. Igrejas Protestantes Históricas – Pentecostais - Neopentecostais. 3. Bíblia. I. Título. II. Almeida, Marcos de

CDD 296.3872

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Ricardo Rodrigues Tavares

**JUDAÍSMO DO SÉCULO I E CRISTIANISMO EVANGÉLICO BRASILEIRO DO
SÉCULO XXI: COMPARATIVOS E PERSPECTIVAS DIANTE DA DIVERSIDADE**

BANCA EXAMINADORA

Me. Marcos de Almeida - Orientador

Dr. Emmanuel Roberto Leal de Athayde - Leitor

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que tem me sustentado e me conduzido até aqui.

Meu imenso agradecimento a Altiva Gomes Tavares, minha esposa, companheira e encorajadora desta jornada desde o início. Também ao Eduardo Gomes Tavares e Pedro Leonardo Gomes Tavares, meus filhos, os quais me ajudaram em diversos momentos de descontração e que foram verdadeiros incentivos para prosseguir. E a todos meus familiares.

Ao meu orientador, professor mestre Marcos de Almeida, verdadeira inspiração ao longo da minha graduação e de inestimável valor no desenvolvimento desta pesquisa.

À Faculdade Teológica Batista de São Paulo, seu corpo docente e estrutura que tanto auxiliaram no meu processo de formação.

Aos meus colegas de classe, que formaram um verdadeiro grupo de apoio ao longo da jornada.

Também a todos cujo nome não citei, mas que certamente auxiliaram na minha formação e desenvolvimento.

RESUMO

A presente pesquisa busca identificar características distintivas das diferentes vertentes no cristianismo evangélico no Brasil, considerando toda a sua diversidade e, ainda, desenvolver uma melhor compreensão deste cenário. O trabalho se concentrou em avaliar um corte histórico sobre diferentes partidos judaicos do século I, com foco no período entre 30 e 70 d.C, para possível constatação de que a religião do judaísmo tardio deste período também apresentava elementos de grande pluralidade. Por meio desta pesquisa, a característica de diversidade tão presente na igreja brasileira pode vir a ser constatada também sobre este período histórico analisado. O trabalho iniciou-se com uma pesquisa do multifacetado ambiente judaico manifesto em seus diversos partidos religiosos presentes no contexto neotestamentário, com os seus elementos de divergência e convergência. Ao prosseguir, foi tratado o desenvolvimento histórico e características de algumas das principais igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais do século XXI no Brasil. A pesquisa abordou também a ocorrência de diversidade nestes dois períodos analisados sobre temas comparáveis, como ênfases, crenças e popularidade. Com esta análise comparativa e considerando possíveis perspectivas diante de ambientes plurais, o trabalho apontou ainda direcionamentos bíblicos sobre diversidade. Enfim, a realização deste itinerário, a reflexão sobre os dois períodos analisados, suas características de diversidade, as possíveis posturas e propostas bíblicas ajudam a melhor compreensão de um ambiente plural e da conduta a ser adotada frente ao atual cenário evangélico brasileiro.

Palavras-chave: Partidos Judaicos. Igrejas Protestantes Históricas, Pentecostais e Neopentecostais. Bíblia.

ABSTRACT

This research seeks to identify distinctive characteristics of the different aspects of evangelical Christianity in Brazil, considering all its diversity and, furthermore, develop a better understanding of this scenario. The work focused on evaluating a historical overview of different Jewish parties from the 1st century, focusing on the period between 30 and 70 AD, to possibly confirm that the religion of late Judaism from this period also presented elements of great plurality. Through this research, the characteristic of diversity so present in the Brazilian church can also be seen in this historical period analyzed. The work began with a survey of the multifaceted Jewish environment manifested in its various religious parties present in the New Testament context, with its elements of divergence and convergence. As we continued, the historical development and characteristics of some of the main Historic Protestant, Pentecostal and Neopentecostal churches of the 21st century in Brazil were discussed. The research also addressed the occurrence of diversity in these two periods analyzed on comparable themes, such as emphases, beliefs and popularity. With this comparative analysis and considering possible perspectives in the face of plural environments, the work also pointed out biblical guidelines on diversity. Finally, carrying out this itinerary, reflecting on the two periods analyzed, their diversity characteristics, possible biblical positions and proposals help to better understand a plural environment and the conduct to be adopted in the current Brazilian evangelical scenario.

Keywords: Jewish Parties. Historic Protestant, Pentecostal and Neopentecostal Churches. Bible.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. JUDAÍSMOS DA PRIMEIRA GERAÇÃO APÓS JESUS	12
1.1. Introdução ao contexto plural dos judaísmos da primeira geração após Jesus 13	
1.2. Partidos culturais-religiosos	14
1.2.1. Fariseus	14
1.2.2. Essênios	16
1.2.3. Saduceus	17
1.3. Partidos sócio-políticos	19
1.3.1. Zelotes	19
1.3.2. Herodianos.....	20
1.4. Considerações sobre elementos compartilhados pelos judaísmos da primeira geração após Jesus	21
2. CRISTIANISMOS EVANGÉLICOS DO BRASIL NO SÉCULO XXI	25
2.1. Introdução ao contexto plural evangélico do Brasil no século XXI: Protestantismo Histórico, Pentecostalismo e Neopentecostalismo.....	25
2.2. Protestantismo Histórico	26
2.2.1. Igrejas Luteranas	27
2.2.2. Igrejas Presbiterianas	28
2.2.3. Igrejas Batistas	30
2.3. Pentecostalismo e Neopentecostalismo.....	31
2.3.1. Igrejas Pentecostais.....	32
2.3.2. Igrejas Neopentecostais.....	34
2.4. Considerações sobre elementos compartilhados pelos cristianismos evangélicos do Brasil no século XXI	35
3. COMPARATIVOS JUDAICO-CRISTÃOS E PERSPECTIVAS DIANTE DA PLURALIDADE	39
3.1. Comparativos de diversidade entre os Judaísmos do primeiro século e Cristianismos Evangélicos do século XXI	39
3.2. Perspectivas possíveis frente a pluralidade	42
3.2.1. Sectarismo	42
3.2.2. Unidade uniformizadora.....	43
3.2.3. Unidade na diversidade	44

3.3. A unidade na diversidade em Efésios 4.1-16.....	45
3.3.1. Unidade em Efésios 4.1-6.....	46
3.3.2. Diversidade em Efésios 4.7-16	49
3.4. Considerações sobre o chamado à unidade na diversidade.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56

INTRODUÇÃO

O objeto da pesquisa é a diversidade do cristianismo evangélico-protestante no Brasil do século XXI, a qual pode ser melhor compreendida a partir da possível constatação dos diferentes partidos judaicos do século I, com foco no período entre 30 e 70 d.C. Este corte histórico apresenta elementos de grande pluralidade no judaísmo tardio. O desenvolvimento da pesquisa dá foco na característica atual de diversidade que também ocorre na igreja brasileira, constatada, não somente sobre períodos recentes ou considerada simplesmente como fruto das Reformas Protestantes ou da sociedade atual, mas também poderá ser observada em um período mais distante.

O trabalho visa contemplar três questões relevantes sobre o problema da pesquisa: 1) O judaísmo do período entre os anos 30 e 70 d.C. se apresentava de maneira uniforme ou demonstrava diversidade em suas ênfases, crenças e popularidade? 2) O cristianismo evangélico-protestante do Brasil no século XXI se apresenta de maneira uniforme ou demonstra diversidade em suas ênfases, crenças e popularidade? 3) As diferenças do judaísmo antigo têm reflexos nas diferenças que ocorrem entre as igrejas brasileiras do século XXI e há alguma proposta bíblica diante desta possível diversidade? A identificação das respostas para estas perguntas pode abrir caminho para responder à questão principal da pesquisa: Os diversos partidos e expressões do judaísmo presentes no período entre 30 e 70 d.C. podem ajudar a compreender que a diversidade do cristianismo do século XXI não é um fenômeno exclusivo deste e dos últimos séculos?

As questões levantadas conduzem a algumas hipóteses, sendo que as principais são: 1) Que o judaísmo tardio do período entre 30 e 70 d.C. se apresentava de maneira plural através dos variados partidos judaicos, como os Fariseus, Essênios, Saduceus, Zelotes e Herodianos, em suas distintas formas de interpretação das Escrituras, crenças, tradições e práticas religiosas (SCOTT JR, 2017, p. 213). 2) Que existem características muito distintas entre as diversas expressões da igreja brasileira, destacando-se igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais¹ e 3) que há elementos que

¹ O termo “protestantismo histórico” engloba igrejas luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas, conforme classificação utilizada por Mendonça (2005, p. 51). Para o termo “pentecostalismo” são contempladas igrejas que compõem a primeira onda (pentecostalismo clássico), representadas por Assembleia de Deus e Congregação Cristã, e a segunda onda (pentecostalismo de cura divina) com igrejas como Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor. Para o termo “neopentecostalismo” são contempladas denominações como Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Mundial do Poder de Deus, Renascer em Cristo e Sara Nossa Terra. Para ambos os termos

apontem a ocorrência de diversidade nestes dois períodos analisados sobre temas comparáveis, tais como ênfases, crenças e popularidade, e que a Bíblia orienta possíveis direcionamentos sobre contextos de diversidade. Portanto, esse conjunto de levantamentos possivelmente responda a hipótese geral de que a pluralidade presente entre os evangélicos² não é um fenômeno religioso observável somente no momento atual e nos últimos séculos, mas identificável também no judaísmo do século I, com natureza similarmente bastante diversa e plural, o qual era composto naquele momento pelos variados partidos e segmentos mencionados.

O interesse pelo tema indicado nesta pesquisa surgiu a partir da percepção de que há uma compreensão muito frequente de que a diversidade vigente no cristianismo é um fenômeno religioso fruto da sociedade plural atual ou de eventos dos últimos séculos, tais como as Reformas Protestantes ou a Globalização, então a pesquisa se mostra relevante por propor uma avaliação a partir de um período anterior, a saber, entre 30 e 70 d.C., sobre expressões religiosas do judaísmo tardio, visando compreender se havia ou não ocorrências de diversidade, tais como ocorrem na igreja evangélica brasileira atual. Este período, iniciando em 30 d.C., representa um momento de grandes desdobramentos e efervescência dos partidos judaicos durante o contexto neotestamentário pós crucificação e ressurreição de Jesus em meio ao surgimento do Cristianismo. O corte histórico finaliza em 70 d.C., um marco histórico relevante ao Judaísmo, a saber, a destruição do Templo e tomada de Jerusalém, fatos que acarretaram na eliminação e ressignificação de certos partidos, e uma grande reorganização posterior do judaísmo a partir deste evento. O teólogo N. T. Wright afirma que “evidentemente, o período pós-70 d.C. foi determinante para a futura orientação do judaísmo” (2022, p. 224). Diz ainda que após tais eventos históricos,

uma grande transição havia ocorrido, e novos agrupamentos refletiam diferentes reações à nova situação, tanto quanto a continuidade de diferentes vertentes de piedade e tradição judaica antes de 70. (2022, p. 273).

(“pentecostalismo” e “neopentecostalismo”), está sendo adotada a classificação utilizada por Freston (1993, p. 66)

² Dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010 apontam cerca de 42,3 milhões de pessoas evangélicas (22,2% dos brasileiros) no país. O uso do termo “evangélico” pelo IBGE, englobando todas as igrejas de vertentes protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais, está bastante ligada ao uso comum do termo de forma mais abrangente no Brasil. No país, “evangélico é geralmente sinônimo de protestante [...] a autoidentificação problemática reflete uma identidade forjada em oposição à igreja dominante e a falta de unidade interna.” (Freston, 1993, p. 1). Nesta pesquisa, o termo “evangélico” também adota um conceito amplo e abrangente para englobar estas igrejas cristãs: protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais.

O Cristianismo tão presente no contexto atual tem suas raízes no Judaísmo tardio do segundo templo, assim outro fator que elevou a motivação por este estudo foi realizar uma conexão entre esses dois períodos e sistemas religiosos. Tal paralelo pode contribuir para uma compreensão mais adequada e aprofundada sobre o tema, uma vez que sistemas religiosos tendem a fragmentações. Por fim, outro ponto que reforça o interesse é que a partir da análise destas possíveis ocorrências de diversidade sobre os períodos indicados, a pesquisa pode se mostrar ainda mais relevante ao avaliar se há uma proposta bíblica diante da diversidade que ofereça princípios e reflexões sobre como as diferenças devem ser compreendidas e tratadas.

Desta maneira, o desenvolvimento desta pesquisa tem o objetivo de avaliar se os partidos do judaísmo tardio também manifestavam características de diversidade, como é possível identificar atualmente na igreja evangélica do Brasil. Visando este objetivo central, outros objetivos secundários serão trabalhados: investigar alguns dos principais partidos religiosos no judaísmo plural do século I e expor o elementos comuns entre tais judaísmos; pesquisar algumas das principais denominações evangélicas do século XXI no Brasil e expor elementos comuns nesta pluralidade; analisar potenciais ocorrências de diversidade e relacionar similaridades entre os dois períodos e sistemas religiosos, e apresentar possíveis perspectivas e propostas bíblicas diante da diversidade.

O processo metodológico da pesquisa se utilizará de materiais obtidos a partir das obras indicadas nas referências bibliográficas que contemplam autores que apresentem o desenvolvimento histórico e principais características dos partidos judaicos do século I, assim como obras que similarmente abordem o desenvolvimento histórico e principais características de algumas das expressões mais relevantes da igreja brasileira atual, como igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais. Por fim, as referências bibliográficas suportarão a possível constatação de quais possíveis elementos que apontem ocorrência de diversidade nestes dois períodos analisados para temas comparáveis, tais como ênfases, crenças e popularidade, e serão apresentadas perspectivas e propostas bíblicas sobre diversidade.

O primeiro capítulo, intitulado *Judaísmos da primeira geração após Jesus*, visa analisar alguns dos principais grupos religiosos no contexto do judaísmo multifacetado do primeiro século e destacar as conexões fundamentais que uniam essas diferentes vertentes judaicas, sendo que o mesmo terá como referenciais teóricos Kurt Schubert, em sua obra

a respeito dos partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária, além de Julius Scott Jr, com sua obra a respeito das origens judaicas do Novo Testamento, e o bispo anglicano Nicholas Thomas Wright com sua obra apresentando o amplo contexto judaico da época das origens do cristianismo.

O segundo capítulo, cujo título será *Cristianismos evangélicos do Brasil no século XXI*, apresentará algumas das principais correntes evangélicas no Brasil do século XXI, contemplando expressões de linha histórica, pentecostal e neopentecostal, e buscará expor potenciais conexões que unem essa diversidade religiosa contemporânea. Para tanto, este capítulo utilizará obras de Antônio Gouvêa Mendonça, que tratam detalhes sobre as origens protestantes no Brasil, além de Paul Freston com sua tese de doutorado em Ciências Sociais em um valioso estudo sobre o protestantismo no Brasil, assim como a obra de Franklin Ferreira, que será fundamental nesta pesquisa por, além de apresentar origens históricas, também abordar características presentes em cada uma das vertentes pesquisadas.

Por fim, o terceiro e último capítulo, denominado *Comparativos judaico-cristãos e perspectivas diante da pluralidade*, visará identificar possíveis elementos de diversidade que ocorrem nos dois períodos e sistemas religiosos pesquisados, além de desenvolver perspectivas possíveis frente a contextos de pluralidade, e compreender a proposta bíblica contida na carta de Paulo aos Efésios, no capítulo 4, versículos 1 ao 16. Para tanto, as obras de Darrel Bock e Pedro Dulci serão fundamentais para analisar perspectivas possíveis frente a diversidade, acrescentando a isso a relevante contribuição de Willian Hendriksen com seus comentários sobre a carta aos Efésios.

1. JUDAÍSMOS DA PRIMEIRA GERAÇÃO APÓS JESUS

No judaísmo existente no período da primeira geração após Jesus, entre 30 e 70 d.C., contemplando desdobramentos a partir da crucificação-ressurreição de Jesus, o surgimento do Cristianismo, e o evento da destruição do Templo de Jerusalém, é possível notar, conforme descrito no Novo Testamento e outras fontes do período, que ele se apresentava de maneira fragmentada e composta por grupos geralmente conhecidos como seitas (do latim *secta*) ou partidos (do grego αἵρεσις, -εως, ἡ, *haireisis*), ambas as palavras com a mesma conotação (SCOTT JR, 2017, p. 213).

Conforme Scott Jr afirma, muitas fontes antigas, incluindo o Novo Testamento, usam a palavra grega αἵρεσις (*haireisis*) para descrever grupos como fariseus, saduceus e essênios (2017, p. 213). Este autor afirma ainda que “a tradução mais exata da palavra grega, quando aplicada a fariseus, saduceus e essênios, é “partido” ou “denominação”. Portanto, os partidos desta época eram vistos como grupos com determinado conjunto de opiniões, doutrinas ou princípios políticos em comum. Este contexto plural formou aquilo que frequentemente passou a ser conhecido como “judaísmos”, termo este utilizado por Wright (2022, p. 233) e outros estudiosos modernos, para representar esta característica multifacetada e não monolítica do judaísmo deste período. Tanto é que Reinke afirma que

o judaísmo não pode ser reduzido a um único aspecto. Cada comunidade possuía ideias diferentes de como um judeu deveria ser e se comportar, seguindo formulações definidas em determinado tempo e em determinado lugar. Os estudiosos preferem falar em "judaísmos", uma vez que comportavam grupos bem específicos, como fariseus, saduceus e essênios, entre outros. (2021, p. 302)

Juntamente com os partidos judaicos que realçavam determinados elementos e crenças, havia ainda os judeus comuns, que possivelmente representavam uma grande parte da população da Palestina. Esta população provavelmente eram as pessoas frequentemente descritas na literatura rabínica como o “povo da terra”, e que buscavam guardar as leis judaicas, dirigiam suas orações a Deus, e regulavam suas vidas de acordo com as festas e jejuns do calendário judaico (WRIGHT, 2022, p. 293).

Este capítulo apresentará este contexto plural judaico, destacando quais eram os principais partidos judaicos e suas características distintivas, além de fazer uma análise sobre possíveis elementos compartilhados majoritariamente por estas diversas expressões dos judaísmos da primeira geração após Jesus.

1.1. Introdução ao contexto plural dos judaísmos da primeira geração após Jesus

O cenário relativo aos judaísmos do primeiro século é apresentado de maneira bastante plural a partir da identificação dos diversos partidos presentes, pois “cada partido contava com tradições distintas, incluindo cultura, crenças religiosas, cerimônias, calendário, estilo de vida e assim por diante” (SCOTT JR, 2017, p. 213).

Este contexto judaico plural tem algumas origens, dentre as quais é possível destacar como de maior relevância a crise Macabeia. Esta crise foi a revolta liderada por uma família judaica conhecida como os Macabeus, conduzida por Matatias e seus filhos, especialmente Judas Macabeu, contra a tentativa de Antíoco IV Epifânio, de impor a cultura e religião helênicas (gregas) sobre os judeus, incluindo a profanação do Templo de Jerusalém. Os Macabeus lideraram a resistência contra essa imposição cultural e religiosa, Judas Macabeu purificou o Templo e o reconsagrou em 25 de dezembro de 164 a.C, gerando uma nova festa, conhecida como Hanukkah, a “festa da dedicação” (WRIGHT, 2022, p. 221). O sucesso desta revolta e as consequências a partir dela geraram alguns efeitos, como a formação de divisões e grupos dentro do judaísmo, como se observa a seguir:

Nem todos os judeus ficaram felizes com a nova situação. Livrar-se do tirano e de suas práticas idólatras era uma coisa; contudo, era o novo regime (asmoneu) aquilo que o deus da aliança realmente queria? Tal regime não estava, por sua vez, fortemente comprometido com o helenismo e pisoteando as sensibilidades religiosas do povo judaico, combinando, por exemplo, os cargos de rei e sumo sacerdote? Alguns se opuseram ferozmente e, segundo veremos, estabeleceram comunidades alternativas. Outros resistiram, mas, reclamando, tentaram reformar o sistema por dentro. Outros ainda participaram do jogo do poder para vencer. A maioria dos judeus - aqueles que não escreveram literatura, não lideraram marchas, não tiveram voz - lutou para manter seu sustento e sua lealdade, sua fidelidade aos símbolos nacionais e culturais, da melhor maneira possível, sempre sob as pressões sociais de teologias beligerantes. Foi essa resposta multiforme às ambiguidades do segundo século a.C. que criou o judaísmo multiforme conhecido por Jesus e Paulo. (2022, p. 221, 222)

Josefo (1990, p. 603), ao lado do Novo Testamento, representa uma das principais fontes para compreensão daquela época e ele aborda as principais divisões deste judaísmo multiforme: “Havia então entre nós três seitas, divergentes nas questões relativas às ações humanas. A primeira era a dos fariseus; a segunda, a dos saduceus; a terceira, a dos essênios”. Posteriormente, Josefo (1990, p. 827) ainda menciona mais um partido, provavelmente os zelotes, um grupo marcado pela luta pela liberdade e surgido no século

I d.C.: “A quarta seita [...] têm um amor tão ardente pela liberdade que não há tormentos que não sofram ou que não deixem sofrer.”

O fenômeno da formação de diferentes grupos certamente também teve contribuição de outros elementos, por exemplo, fatores geográficos, como proximidade ou distância do Templo, além de necessidades e adaptações culturais, sociais, políticas e religiosas que judeus tiveram ao habitar em diferentes localidades. Até em decorrência desses variados elementos notados, é possível perceber movimentos com características marcadas predominantemente por ênfases em características culturais e religiosas, enquanto outros apresentam ênfases em questões mais sociais e políticas. Considerando o Novo Testamento juntamente com o relato de Josefo, e seguindo a linha de Scott Jr (2017, p. 215) para os partidos com maior relevância, serão abordados os partidos mencionados no Novo Testamento – fariseus, saduceus, herodianos e zelotes (principais representantes da quarta seita mencionada por Josefo) – além dos essênios, citados com grande relevância por Josefo para o contexto da época.

1.2. Partidos culturais-religiosos

Aspectos culturais e principalmente religiosos estavam entre as características mais marcantes de determinados grupos judaicos. Estes aspectos podem ser observados através das crenças e práticas religiosas em que estas vertentes se destacavam, especialmente os grupos dos fariseus, saduceus e essênios.

1.2.1. Fariseus

O nome “fariseus” vem da palavra hebraica *perushim* que, traduzida literalmente, significa “separados” (SCHUBERT, 1979, p. 23). A interpretação corrente desse termo provém do ideal de pureza ritual dos fariseus. Esse grupo tem sua história muito ligada aos desdobramentos ocorridos a partir da revolução dos macabeus, tendo origem provavelmente a partir da divisão dos hasidim, que eram as pessoas que ensinavam a Lei ao povo. Sobre essa separação e origem,

do ponto de vista histórico, os fariseus separaram-se do movimento assideu entre 160 e 150 a.C. Isto aconteceu porque, depois da morte de Judas Macabeu em 160

a.C, os fariseus se recusaram a compartilhar com os outros assídeos a persistente expectativa do próximo tempo do fim e apoiaram, por isso, a política religioso-nacional dos asmoneus que, sem seguirem ideais apocalípticos, garantiam a liberdade da religião judaica. (SCHUBERT, 1979, p. 24,25).

Os fariseus apresentavam bastante ênfase quanto ao estudo das Escrituras. Nota-se que “na tradição judaica, eles foram conhecidos com o título de “Rabi” (mestre). Eram pessoas dedicadas ao estudo e à interpretação das Leis de Moisés” (SCARDELAI, 2008, p. 120).

Também apresentavam ênfase na Lei oral, buscando adaptá-la e traduzi-las por meio das tradições a serem transmitidas e ensinadas ao povo sobre como poderiam viver um padrão de santidade exigido por Deus.

Em relação às doutrinas adotadas pelo grupo farisaico, algumas das principais crenças estavam “na imortalidade, em anjos e demônios, em espíritos e na soberania divina” (SCOTT JR, 2017, p. 219).

Wright (2022, p. 275) explica mais detalhadamente duas crenças relevantes do grupo, a saber, a ressurreição e a providência, sendo esta última relacionada a questão do livre-arbítrio. A respeito da crença na ressurreição, ele afirma que “não corresponde apenas a especulações sobre uma vida futura após a morte. Ela está atrelada ao anseio por um Israel reconstituído e restaurado”, e explica ainda que esse pode ser o real motivo para divergência no tema em relação aos saduceus, que não desejavam alguma revolta que os tirasse de sua posição de influência e poder. Sobre a doutrina da providência ou destino, “os fariseus assumem uma posição intermediária, acreditando que, embora tudo seja provocado pela providência, os seres humanos ainda dispõem de livre-arbítrio” (WRIGHT, 2022, p. 275).

Como fruto da ênfase no estudo das Escrituras, a profunda relação com as sinagogas e o zelo, mesmo exagerado em alguns casos, quanto ao cumprimento da Lei e dos rituais, os fariseus possuíam bastante admiração e popularidade junto ao povo. “Eles eram, nesse período, razoavelmente numerosos, razoavelmente difundidos e razoavelmente influentes” (WRIGHT, 2022, p. 271). Já Scardelai afirma a respeito do grupo fariseu que “sua espiritualidade era admirada por muitos” e que “seus trabalhos de educação religiosa logo lhes renderam notável respeito e autoridade junto ao povo a ponto de ganharem muitos discípulos” (2008, p. 120). Nota-se que “os fariseus nos dias de Jesus

desfrutavam de grande prestígio entre o povo. Todos os consideravam grandes mestres e homens piedosos” (TOGNINI, 2009, p. 156).

1.2.2. Essênios

Ao verificar os esforços para buscar em palavras gregas e hebraicas a origem do termo, é possível notar que foram feitas diversas sugestões de significados para o nome essênio: “santo”, “cumpridor da lei”, “silencioso”, “adorador” e “curador”, porém a melhor suposição é “devoto” (SCOTT JR, 2017, p. 230).

A história dos essênios apresenta dificuldade em estabelecer sua origem, porém uma possibilidade é que “eles podem ter vindo de uma ramificação dos assideus após o fim do apoio de Judas Macabeu” (SCOTT JR, 2017, p. 231). Nesta mesma direção, Scardelai (2008, p. 117) afirma que “os primórdios dos essênios podem estar ligados ao grupo judaico de “judeus piedosos”, os hassidim, que haviam inicialmente lutado ao lado dos Macabeus contra a helenização³ da Judeia”. Portanto, é possível que esse grupo tenha se afastado em determinado momento por se considerarem os verdadeiros representantes do judaísmo em oposição ao grupo que se encontrava no poder.

Geralmente os essênios são muito associados diretamente a comunidade que vivia em Qumran, mas tal consenso já não é tão bem acolhido, pois

a equação “comunidade de Qumran = essênios = escritores dos pergaminhos” não é mais universalmente aceita. Atualmente, muitos argumentam que os que viveram em Qumran constituíam um subgrupo, talvez um grupo dissidente, de um movimento essênio muito mais amplo, ou talvez o grupo original do qual esse movimento mais amplo cresceu. (WRIGHT, 2022, p. 279).

Entre as ênfases adotadas, os essênios focavam bastante no isolamento do restante de Israel, tanto geográfica quanto teologicamente, pois se consideravam a única representação verdadeira do judaísmo. Tanto é que “os essênios consideravam a si mesmos Filhos da Luz, e tinham todos os demais – não apenas os pagãos – na condição de Filhos das Trevas” (WRIGHT, 2022, p. 279)

³ “Helenização” no sentido apresentado pelo dicionário Houaiss indica: Ato de dar ou receber cunho, caráter etc. próprio da antiga civilização grega. Verbetes “Helenização”, em HOUAISS. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 30 out. 2023.

A pureza também era outro elemento de grande ênfase para esse grupo, pois eles “davam muita ênfase à prática de manter a pureza levítica. Banhavam-se muitas vezes com água fria, rejeitavam a unção com óleo, usavam vestes brancas e simples e viviam de forma extremamente modesta”. (SCOTT JR, 2017, p. 231)

Ao viver em comunidades separadas do centro urbano, os essênios também destacaram muito a forma de vida comunitária, e adotaram grande rigor em relação às regras sociais de convívio, sendo necessário a todos os membros dispor de todos os seus bens em comum, como propriedades, alimentos e roupas.

Acompanhando esse realce da vida comunitária, estava também a crença de que a disciplina seria algo fundamental, pois os essênios acreditavam que poderiam

atingir a perfeição submetendo-se à abstinência radical de práticas da vida social que os levassem à pureza (sexo, jejum, banhos rituais etc.). As refeições eram comunitárias e a santidade almejada através da observação de regras comunitárias severas, principalmente por meio da purificação e da oração. Para se tornarem "puros" não só renunciavam a qualquer contato com o mundo externo, como também adotavam banhos diários de purificação. É possível que o rito da purificação pelo "Batismo" tenha chegado ao cristianismo proveniente dessas práticas essênias no deserto. (SCARDELAI, 2008, p. 117)

Ainda sobre as crenças, os essênios acreditavam na providência de Deus, desconsiderando qualquer possibilidade de livre-arbítrio (JOSEFO, 1990, p. 827). Eles também

rejeitavam as tradições alheias, em especial as dos fariseus. Eram completamente deterministas (fatalistas), acreditando que Deus está no controle absoluto de todas as coisas. Acreditavam na destruição do corpo e na imortalidade da alma. Rejeitaram a legitimidade dos controladores do templo de Jerusalém; em vez disso, acreditavam que só a família de Zadoque deveria ter essa prerrogativa. Enviavam ofertas ao templo, mas não faziam sacrifícios ali, tendo, ao que parece, cerimônias e liturgia próprias. Viviam de acordo com seu calendário. (SCOTT JR, 2017, p. 232)

Quanto a popularidade deste grupo, compreende-se que viviam em pequenas comunidades da Judeia, e Josefo (1990, p. 827) chega a afirmar que o seu número era superior a quatro mil naquele contexto do século I.

1.2.3. Saduceus

Os saduceus geralmente eram da alta classe judaica e estavam muito associados à aristocracia ligada ao Templo de Jerusalém. Scott Jr (2017, p. 220) aponta algumas das

tentativas de explicar o termo saduceu afirmando que “as sugestões incluem associá-lo à família sacerdotal de Zadoque, no AT, a palavra hebraica usada para “justo” ou “reto” (Saddiq), ou “oficiais da corte” ou “juízes” (em grego σύνδικός, *syndikoi*)”. Entre estas alternativas, a mais comumente adotada é aquela associada ao sacerdote do tempo do rei Davi, que com a família, ganhou o controle do sumo sacerdócio e do templo no reinado de Salomão (1 Rs 2.35; 1 Cr 29.22).

Quanto a história desse grupo, “em tempos posteriores aos Macabeus, teve início a política de aliança entre asmoneus (sucessores dos Macabeus) e os sacerdotes de Sadoc (saduceus)” (SCARDELAI, 2008, p. 121). Sabe-se ainda que “os asmoneus monopolizaram o cargo de sumo sacerdote, e as demais famílias sacerdotais faziam parte da estrutura de governo e do templo. Desde então, as famílias apoiadoras eram chamadas saduceus” (REINKE, 2021, p. 325).

Enquanto os fariseus adotavam e ensinavam as tradições extrabíblicas, os saduceus “as rejeitavam, porque elas não estão compreendidas entre as leis dadas por Moisés, que estes afirmam serem as únicas que são obrigadas a observar.” (JOSEFO, 1990, p. 618). Assim, a ênfase dos saduceus não recaía tanto sobre as tradições. Em relação às Escrituras, adotavam maior ênfase sobre a Torá, ou seja, os 5 primeiros livros das Escrituras, pois “defendiam a estrita aplicação da lei escrita da Torá. Por isso, eles privilegiavam apenas os Cinco Livros da Torá de Moisés como única fonte religiosa válida.” (SCARDELAI, 2008, p. 121).

Sobre as crenças dos saduceus, uma das mais conhecidas é a rejeição da doutrina da ressurreição dos mortos e Josefo (1990, p. 827) explica que “a opinião dos saduceus é que as almas morrem com os corpos e que a única coisa que somos obrigados a fazer é observar a lei”. Ainda sobre as doutrinas dos saduceus, é valioso compreender que

de tão apegados a letra da Torá (Pentateuco), eles não viam necessidade da ampliação de doutrinas que não contassem com o apoio literal da Torá. Como consequência dessa sua postura, os saduceus não acreditavam na ressurreição dos mortos, nem na existência dos anjos ou na vinda de um messias. Rejeitavam a doutrina de espíritos bons e maus, bem como a ideia da predestinação das ações humanas. (SCARDELAI, 2008, p. 121,122).

Ao analisar o nível de popularidade dos saduceus, Josefo explica que os saduceus eram de pequeno número, porém eles incluíam homens de elevada posição. Tanto é que este autor afirma que “as pessoas de classe mais elevada abraçaram o [ensino] dos saduceus, e o povo alinhou-se com os fariseus” (JOSEFO, 1990, p. 827). Como os

saduceus estavam estritamente vinculados aos rituais sacerdotais e ao Templo de Jerusalém, a partir da destruição deste em 70 d.C., o grupo deixou de existir.

1.3. Partidos sócio-políticos

Certos grupos judaicos se destacavam por focar mais aspectos sociais e, sobretudo, políticos, em comparação a outros partidos. Tais traços podem ser identificados ao analisarmos as maneiras de atuação e principais preocupações de grupos, como os zelotes e os herodianos.

1.3.1. Zelotes

Os zelotes foram um grupo radical e militante dentro da sociedade judaica durante o período do domínio romano na região da Judeia, conhecidos por sua resistência ativa e oposição ao domínio romano e também às autoridades judaicas colaboracionistas.

O surgimento dos zelotes está atrelado às muitas iniciativas feitas no século I visando libertar a Judéia do domínio estrangeiro romano. Sobre este início, Josefo (1990, p. 936) explica que um homem chamado João de Giscala reuniu muitos facciosos no Templo em Jerusalém, em 66 d.C, quando foram pela primeira vez, chamados zelotes. Scott Jr levanta uma questão sobre o relato de Josefo e o uso do termo zelote, ao dizer que

Josefo também associa o termo de forma específica à insurreição liderada pelo galileu Judas, sessenta anos antes. A questão torna-se ainda mais difícil, porque Lucas 6.15 e Atos 1.13 identificam Simão, um dos apóstolos de Jesus, como zelote, um uso anacrônico se “zelote” aqui se refere a um grupo surgido mais de trinta anos depois de Jesus ter concluído seu ministério. (2017, p. 227)

Sobre a utilização do termo zelote antes da revolta de 66 d.C liderada por João de Giscala, feita por Josefo e também por Lucas no Novo Testamento, Wright (2022, p. 245) esclarece que “o substantivo “zelo” e o adjetivo “zeloso” eram usados amplamente como referência a ações e atividades antirromanas mais generalizadas.” Referente a este contexto,

ele [Josefo] parece descrever uma orientação, um espírito, que deu à luz e alimentou o tipo de pensamento e ações que, por fim, levaram à guerra com Roma. Assim, um escritor popular como Lucas poderia muito bem usar “zelote” para se

referir a alguém que aceitou o espírito de Judas e Zadoque bem antes do início das hostilidades; em sentido mais técnico, “zelote” se referente aos participantes de uma das facções revolucionárias durante a guerra. (SCOTT JR, 2017, p. 228)

A compreensão da utilização mais ampla de um “zelo” é importante, pois ajuda a entender como isso pode estar atrelado, além dos próprios zelotes, aos outros grupos revolucionários, como os sicários, os “homens da adaga”, que formavam um grupo de terroristas com ideologias que se originam em uma formação mais erudita e escriba (WRIGHT, 2022, p. 247). Por isso, Wright explica que a revolução pode ter sido mais ampla que apenas o partido “zelote”, e que as palavras “zelo” e “zeloso” eram comumente aplicadas para diversos judeus zelosos, inclusive para alguns que levavam este zelo ao extremo da violência (2022, p. 249). Conforme estas próprias origens apontadas, os zelotes apresentavam ênfase na busca pela libertação do povo do domínio estrangeiro romano.

Sobre suas doutrinas, eles se aproximavam dos fariseus, porém se diferenciavam destes “pelo acentuado amor à liberdade e o desprezo a própria vida” (TOGNINI, 2009, p. 169). Os zelotes resistiam ao pagamento de tributos aos romanos, “dizendo que pagar-lhes tributo era um sacrilégio e repugnante à Lei de Moisés” (TOGNINI, 2009, p. 169).

Os zelotes ganharam popularidade entre populações camponesas, pois “os romanos perseguiram implacavelmente os camponeses e devastavam suas aldeias. Os camponeses não tinham outra alternativa senão lutar (e inevitavelmente ser mortos) ou fugir.” (HORSLEY, 1995, p. 191). Isso provocava fugas de grupos que se uniam e iam para locais não atacados pelos romanos, formando grupos zelotes, que inclusive chegaram em Jerusalém, onde desempenharam um papel significativo.

1.3.2. Herodianos

Esse grupo está ligado à ascensão e liderança da dinastia de Herodes no governo da Judeia e a formação de administradores e apoiadores deste governante, os quais passaram a ser conhecidos como herodianos, e “o nome deles os identifica como membros da família ou corte de Herodes ou como defensores da dinastia”. (SCOTT JR, 2017, p. 222)

Pelas características ligadas às suas origens, os herodianos apresentavam ênfase em questões mais políticas do que religiosas, visando principalmente alinhar seus

interesses pessoais e benefícios possíveis com os interesses da manutenção e apoio ao governo de Herodes.

Quanto a compreensão doutrinária, os herodianos tinham suas crenças muito próximas dos saduceus, embora seja necessário adotar um cuidado quanto a equiparar estes dois grupos, pois “não há evidência a favor da suposição esporádica que iguala herodianos e saduceus.” (SCOTT JR, 2017, p. 223). Por outro lado, havia até uma rivalidade entre herodianos e fariseus, especialmente pelo fato de Herodes e seus descendentes serem idumeus, originários de uma região mais ao Sul do Rio Jordão e remanescentes dos edomitas, os descendentes de Esaú (irmão de Jacó). Após serem conquistados por João Hircano, ainda no período asmoneu, os idumeus foram forçados a aceitar a circuncisão e a viver de acordo com a lei judaica (SCOTT JR, 2017, p. 88). Devido a essa origem, os herodianos eram considerados estrangeiros, o que não era bem aceito pelo farisaísmo. Além disso, havia uma compreensão muito diferente entre estes dois grupos quanto ao pagamento ou não de tributos:

dessa rivalidade entre fariseus e herodianos, nascem as doutrinas destes: os primeiros ensinavam, baseados em Deuteronômio 17.15 que não se devia pagar absolutamente tributo a Cesar; os segundos pregaram incondicional fidelidade a Herodes, cuja política era de subserviência aos romanos; sendo assim, eles sustentavam que os judeus deviam pagar tributo a César. (TOGNINI, 2009, p. 168)

Do ponto de vista de popularidade, esse grupo era muito menor e mais restrito em comparação a outros grupos daquele contexto do século I. Composto por uma pequena elite ligada diretamente ao governo de Herodes, sua principal finalidade era preservar e consolidar o poder estabelecido.

1.4. Considerações sobre elementos compartilhados pelos judaísmos da primeira geração após Jesus

A pesquisa demonstrou o quanto o judaísmo da primeira geração após Jesus se apresentava de maneira bastante plural através das suas diversas expressões e partidos judaicos, fenômeno este que deu origem a expressão “judaísmos”. Visando aprofundar a análise deste período, é importante realizar a tarefa de analisar também quais elementos eram geralmente compartilhados majoritariamente pelos judeus da época, formando um possível fio condutor entre as diversas expressões de judaísmos.

Ao prosseguir para análise desta identidade comum judaica, serão considerados os partidos apresentados e também os judeus comuns, já mencionados anteriormente na pesquisa, que provavelmente representavam uma parte considerável da população da Palestina, guardavam leis judaicas, dirigiam suas orações a Deus, e regulavam suas vidas de acordo com festas e jejuns do calendário judaico. Sobre a identidade judaica, Machado aborda o ideal imaginário e complexidade no tema, pois

A questão da identidade judaica desse período está, portanto, intimamente relacionada com o sectarismo. Por trás do conceito de identidade há, então, uma identidade esfacelada e múltipla, na verdade “identidades” que definem grupos com características ideais quanto ao modo como se entendem como judeus. Tais grupos são seitas minoritárias que idealizam de algum modo e em graus diferentes o (verdadeiro) Israel de Deus. (2015, p. 48)

Por isso, é fundamental equilibrar o reconhecimento das diversas expressões de judaísmo em paralelo com a identificação de elementos compartilhados tanto pelos judeus comuns quanto os partidos judaicos, que por vezes se destacavam por realçar elementos já conhecidos do judaísmo, visto que

Termos, expressões e conceitos utilizados nas várias fontes disponíveis dão sinais de que não existiam diferenças fundamentais entre as seitas. Isto quer dizer que há uma linguagem comum, familiar aos judeus em geral e a essas pessoas, ao mesmo tempo em que também havia nuanças e realces próprios do grupo. (MACHADO, 2015, p. 5)

Ao adotar este olhar mais amplo para o universo judaico da primeira geração após Jesus, é possível verificar muitos elementos comuns aos judeus daquela época. Tanto é que a respeito do judaísmo do primeiro século como um todo, nota-se que “existe uma visão de mundo básica, possível de traçarmos, que se encontra em um nível mais profundo e fundamental do que essas variações” (WRIGHT, 2022, p. 331). Este autor ainda chega a abordar sobre a importância desse olhar, ao afirmar que

a tentativa de alguns estudiosos de destacar a variedade em detrimento de qualquer unidade subjacente vai longe demais e a respeito deste contexto judaico, por trás de uma grande variação, existe uma ampla “semelhança de família”. (WRIGHT, 2022, p. 331)

Entre estes elementos comuns, destacam-se a aceitação do monoteísmo, o reconhecimento da aliança de Deus com Israel e a obediência a alguma interpretação da lei (SCOTT JR, 2017, p. 214). Wright (2022, p. 294, 330) também explora alguns dos elementos compartilhados que formavam uma cosmovisão comum, como as histórias contadas, os símbolos, a práxis integrada aos símbolos, além das crenças.

Em relação às histórias contadas, elas se constituíam basicamente das Escrituras ou de outras histórias menores, contadas dentro da rica tradição judaica. A história fundamental dos judeus era a história bíblica em si e isso dava o embasamento para a crença do monoteísmo e da aliança de Deus com Israel, pois “a história fundamental dizia respeito ao deus criador e ao mundo, ressaltando o lugar de Israel como o povo da aliança.” (WRIGHT, 2022, p. 295).

A partir das histórias contadas, os símbolos eram uma forma de gerar uma realidade tangível. Como alguns dos símbolos mais relevantes, destacavam-se o Templo, “considerado o lugar no qual YHWH vivia e governava no meio dos israelitas, e onde, por meio do sistema sacrificial, ele os agraciava, restaurando Israel e perdoadando-o” (WRIGHT, 2022, p. 306), e a Torá, como o escrito que estabelecia as condições do pacto entre Deus e Israel.

O estilo de vida do povo judeu também era algo essencial, e nesta práxis comum judaica destacavam-se a realização das grandes festas, especialmente a Páscoa, o Pentecostes e os Tabernáculos, muito vinculadas à história de Israel e aos símbolos. Outras formas de práxis comuns estavam diretamente vinculadas a Torá, seja pelo estudo da mesma ou pela observação das exigências previstas, como a circuncisão, o sábado e as leis judaicas relacionadas aos alimentos, formando inclusive muitas das características identitárias para os judeus da época.

Para Wright (2022, p.334), entre as crenças comumente compartilhadas por todos judeus, estavam o monoteísmo, a aliança de Deus com Israel e a escatologia. “Ouça, ó Israel: YHWH, o nosso Deus, YHWH é um só” era o *Shemá* (localizado em Deuteronômio 6.4), considerada a oração mais famosa do contexto judaico e que gerava consciência da existência de um único e verdadeiro deus do monoteísmo judaico. Judeus criam ainda que este deus verdadeiro estabeleceu um pacto com Israel, e isso era baseado a partir das promessas feitas aos patriarcas para eleição de Israel como luz do mundo. Por fim, estas crenças do monoteísmo e eleição resultavam na escatologia, como forma de renovação da aliança e da ação divina para trazer fim à desolação de Israel e proporcionar honra ao seu povo.

Portanto, ainda que ocorressem algumas nuances sobre estes elementos comumente compartilhados, como por exemplo, qual seria exatamente a maneira que Deus agiria para trazer redenção ao seu povo, certamente existia uma compreensão

majoritariamente aceita de que haveria uma redenção para Israel. É necessário enfatizar que

são muitos os fios que percorrem a trama do judaísmo do primeiro século, por meio de histórias, símbolos e da vida cotidiana. Talvez o mais óbvio deles, o qual podemos destacar como conclusão, seja a centralidade das escrituras. (WRIGHT, 2022, p. 326)

Em vista do exposto, é necessário haver o equilíbrio na identificação tanto de elementos distintivos que levaram ao desenvolvimento da expressão “judaísmos”, quanto na identificação também de elementos majoritariamente compartilhados que formavam um “judaísmo geral”, como exposto por Reinke:

Podemos tratar de diversos judaísmos, com estilos e crenças diferentes. Algumas características prevaleceram, podendo ser compreendidas como um “judaísmo geral”: a fé monoteísta em Iahweh; o povo de Israel conforme a tradição; o templo de Jerusalém como o centro da fé; e a Torá como palavra divina revelada. (2023, p. 129)

Assim, todos estes elementos amplamente reconhecidos e compartilhados por diferentes grupos, desempenhavam, sem dúvida, um papel fundamental unindo as expressões diversas dos judaísmos na primeira geração pós-Jesus, pois

Apesar da grande variedade de ênfases, práticas e obras literárias sobre as quais temos ampla evidência, o que, de fato, nos leva a falar de judaísmos em relação ao período que estudamos, podemos traçar os contornos de uma cosmovisão, bem como de um sistema de crenças, capaz de ser devidamente considerado uma “corrente principal” partilhada por inúmeros judeus daquela época. (WRIGHT, 2022, p. 450)

A análise realizada neste capítulo inicial tem importância vital para melhor compreensão e comparação entre diferentes vertentes que compõe um grande grupo. E de forma similar, o próximo capítulo também fará uma análise sobre algumas das principais igrejas evangélicas brasileiras presentes no século XXI, visando igualmente identificar elementos de divergência e convergência entre estas diferentes vertentes.

2. CRISTIANISMOS EVANGÉLICOS DO BRASIL NO SÉCULO XXI

O primeiro capítulo visou estudar o contexto plural judaico do primeiro século, o qual tem papel fundamental nas origens do povo cristão, pois

Não podemos ignorar a tentativa de entender o judaísmo antigo como um todo se quisermos compreender o novo movimento que foi concebido, nascido e inicialmente nutrido em seu meio durante o primeiro século. [...] Judeus e cristãos continuam a considerar a história de Israel os primeiros capítulos de sua própria história. (WRIGHT, 2022, p. 205).

Realizada esta primeira tarefa, a pesquisa passa a dedicar um olhar sobre o cristianismo evangélico do Brasil, onde existem diversas igrejas protestantes históricas, pentecostais, neopentecostais e grupos independentes.

Portanto, neste capítulo será apresentada uma pesquisa sobre este ambiente brasileiro diversificado, destacando quais são as principais representantes destas vertentes do cristianismo. Além disso, será conduzida uma análise acerca de possíveis elementos de convergência entre estas variadas expressões do século XXI.

2.1. Introdução ao contexto plural evangélico do Brasil no século XXI: Protestantismo Histórico, Pentecostalismo e Neopentecostalismo

O termo “protestantismo histórico”, para se referir a igrejas luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais, batistas, entre outras, segue a classificação a seguir do termo:

protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas. Estas últimas, as batistas, também resistem ao conceito de protestantes por razões de ordem histórica, embora mantenham os princípios da Reforma. Creio não ser, por isso, necessário criar para elas uma categoria à parte. São integrantes do protestantismo chamado tradicional ou histórico, tanto sob o ponto de vista teológico como eclesiológico. (MENDONÇA, 2005, p. 51)

Para o termo “pentecostalismo” serão consideradas igrejas da primeira onda (pentecostalismo clássico): Assembleia de Deus e Congregação Cristã, e a segunda onda (pentecostalismo de cura divina): Igreja do Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor. Ainda conforme a classificação utilizada por Freston (1993, p. 66), o termo

“neopentecostalismo” contemplará: Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo e Mundial do Poder de Deus.

Aproximadamente 42,3 milhões de pessoas se declararam evangélicas (22,2% dos brasileiros) conforme dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010, sendo 25,4 milhões de vertentes pentecostal e neopentecostal, outros 7,7 milhões de vertente missionária⁴, o que engloba igrejas Batistas (3,7 milhões), Luteranas (1 milhão) e Presbiterianas (0,9 milhão) como principais representantes, e os outros 9,2 milhões de vertente não determinada.

A soma de pessoas de igrejas luteranas, presbiterianas, batistas, pentecostais e neopentecostais totalizaram 31 milhões de indivíduos e, portanto, compunham mais de 73% do universo evangélico do Brasil. Exatamente por serem as mais representativas deste ambiente evangélico brasileiro, tais igrejas foram selecionadas para serem estudadas nesta pesquisa.

2.2. Protestantismo Histórico

Sobre o protestantismo histórico, é interessante compreender características ligadas ao mesmo:

o protestante é um indivíduo que professa uma religião individual, de consciência, que se inspira na interpretação direta e pessoal da Bíblia, pauta suas ações na ética racional do trabalho e na moral burguesa vitoriana. Sua racionalidade procura manter a distância a interferência do extraordinário no cotidiano, assim como sua individualidade o situa nos limites mínimos do poder sacerdotal ou eclesiástico. É uma religião quase secularizada e se aproxima, mesmo quando institucionalizada, de uma religião civil. As igrejas são comunidades de fé e aprendizado religioso mútuo. A disciplina, que se prende mais a questões de ética, principalmente de moral, tende a se tornar elástica na medida em que, no gradiente seita-igreja, a comunidade se aproxima mais desta. (MENDONÇA, 2005, p. 52)

Conforme apresentado por Mendonça (2005, p. 51), o “protestantismo histórico” (ou “tradicional”) engloba as mencionadas igrejas luteranas, presbiterianas e batistas, maiores

⁴ O IBGE, no Censo 2010, adota sobre a classificação “Evangélicos” três subcategorias: 1) Pentecostal, 2) de Missão e 3) Não Determinada. Especificamente sobre a subcategoria “de Missão” ou “Missionária”, Mariano (2010, p. 130) afirma que “a designação de Missão proposta ao termo evangélico retoma as terminologias clássicas (bem fundamentada historicamente) que delimitavam o protestantismo brasileiro em protestantismo de imigração e de missão, porém subsume, de forma questionável, o de imigração no de missão”

representantes deste segmento no Brasil, segundo dados do Censo 2010, do IBGE, e que serão analisadas nesta pesquisa.

2.2.1. Igrejas Luteranas

A Reforma Protestante tem como marco relevante os questionamentos feitos pelo monge alemão Martinho Lutero (1483-1546), especialmente a partir do marco histórico de 1517, que gerou seguidores conhecidos como “luteranos”, e a igreja que resultou desse movimento foi denominada Igreja Luterana.

Ao analisar a história desse grupo, nota-se que “o luteranismo é o protestantismo mais antigo do Brasil” (FREESTON, 1993, p. 42). O luteranismo em terras brasileiras iniciou-se como protestantismo de imigração, visto que ele surgiu a partir dos primeiros colonizadores alemães a imigrarem para o Brasil, e que ao chegarem à cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em 1824, tiveram o pastor Friedrich Osvald Sauerbronn como primeiro ministro luterano desta comunidade (FERREIRA, 2013, p. 229).

É importante lembrar que a reforma protestante proporcionou “liberdade e responsabilidade do indivíduo perante si mesmo, o mundo e o próximo” (MENDONÇA, 2007, p.163). Este autor ainda enfatiza que “à semelhança dos anglicanos, os luteranos ostentam expressivo grau de liberdade de pensamento” (2007, p. 168).

O contexto envolvido na Reforma Protestante também proporcionou a crença muito enfatizada pelos luteranos sobre a valorização da Bíblia acima de qualquer tradição humana e na necessidade da fé em Jesus para ser justificação e salvação, em um caminho distinto daquilo que a Igreja Católica Apostólica Romana ensinava no contexto vivido por Lutero, quando ela defendia a justificação por fé e obras. O monge alemão chegou à compreensão da justificação somente pela fé, e

Lutero agora via com clareza que o homem é salvo apenas pela fé no mérito do sacrifício de Cristo, ou seja, só a cruz pode remover o pecado do homem e salvá-lo das garras do diabo. Foi assim que Lutero chegou à sua famosa doutrina da justificação somente pela fé e percebeu como ela conflitava nitidamente com a doutrina da Igreja Romana de justificação que incluía fé e boas obras — a saber, a demonstração da fé por atos virtuosos, a aceitação do dogma da Igreja e a participação em seus rituais. (SHELLEY, 2018, p. 261).

“Uma indulgência era a redução do castigo pelo pecado, dada pela Igreja Católica Romana após o pecador ter confessado e realizado determinadas obras ou orações.

Steven J. Lawson, *A Heroica Ousadia de Martinho Lutero*, ed. Tiago J. Santos Filho, trans. Elizabeth Gomes, Primeira edição., *Um Perfil de Homens Piedosos* (São José dos Campos, SP: Editora FIEL, 2013), 27.

Outra crença bastante conhecida das igrejas luteranas é a prática do batismo infantil, como se pode verificar no artigo IX da Confissão de Augburgo: “do batismo se ensina que é necessário e que por ele se oferece graça; que também se devem batizar crianças, as quais, pelo batismo, são entregues a Deus e a ele se tornam agradáveis.” (2006, p. 32)

Em termos de popularidade, o luteranismo no Brasil é “representado pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e pela Igreja Evangélica Luterana do Brasil” (FERREIRA, 2013, p. 230), e tem um alcance estimado em 999.498 pessoas, segundo o Censo 2010, do IBGE.

A principal diferença entre estas duas principais representantes do luteranismo brasileiro é que a

Igreja Evangélica Luterana do Brasil subscreve todo o Livro de Concórdia, de 1580, que é um compêndio dos documentos doutrinários compilados pelos primeiros luteranos, incluindo Lutero. A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil subscreve apenas a Confissão de Augsburgo e o Catecismo Menor. (IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL, 2023).

Dado o exposto, é interessante notar a ocorrência destas diferenças entre as principais igrejas representantes do luteranismo no Brasil, o que demonstra a pluralidade também existente entre denominações de mesma vertente.

2.2.2. Igrejas Presbiterianas

Trata-se de outro grupo cujo surgimento está muito atrelado a Reforma Protestante, contando com forte influência e herança teológica do francês João Calvino (1509-1564) e sua atuação especialmente em Genebra, Suíça. No Brasil a obra missionária desse grupo iniciou em 1859, sendo Ashbel Green Simonton (1833-1867) o primeiro missionário enviado aos 26 anos, e a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro foi inaugurada em 1862, se expandindo rapidamente no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais. Nesse estágio inicial, destaca-se ainda o fato de que José Manoel da Conceição (1822-1873),

anteriormente um padre em Rio Claro-SP, se converteu e, em 1865 foi ordenado pastor presbiteriano, gerando assim um marco significativo como o primeiro brasileiro ordenado para o ministério evangélico (FERREIRA, 2013, p. 230).

Quanto às crenças e doutrinas, o presbiterianismo está ligado ao ramo reformado e muito vinculado ao pensamento de João Calvino. Conforme sintetizado por Ferreira, a teologia reformada fundamenta-se na soberania de Deus (2013, p. 166). Os outros elementos são deduzidos a partir dessa compreensão, pois a revelação é baseada somente na Escritura (*sola Scriptura*), e que a salvação ocorre conforme escolha feita por Deus de um certo número de criaturas caídas para serem reconciliadas mediante a obra de Cristo e a iluminação do Espírito Santo para crerem e, assim, receberem a salvação.

Entre outras doutrinas destacáveis do presbiterianismo está o batismo, que pode ser feito tanto com crianças e também com adultos, simbolizando a entrada na comunidade do pacto. Relacionado a igreja, está também o sistema de governo no qual os presbíteros eleitos pela igreja ensinam e governam a igreja local.

Entre ênfases adotadas, está a literatura. Desde os primeiros reformados no país houve essa atenção, pois “no Brasil, essa preocupação se manifestou desde a chegada dos primeiros missionários. A partir da década de 1860, os presbiterianos publicaram jornais, livros e opúsculos de conteúdo religioso” (MATOS, 2007, p. 44).

Outro foco dos presbiterianos está relacionado à educação, pois “uma característica do protestantismo histórico foi o investimento em colégios para alcançar as elites, as quais mudariam a sociedade segundo padrões americanos”. (FREESTON, 1993, p. 53). Como reforça Mattos,

Os presbiterianos criaram a primeira escola paroquial no Rio de Janeiro em 1868. A educação em bases cristãs também era oferecida nos grandes colégios que começaram a surgir em vários pontos do território brasileiro: Escola America/Mackenzie College (São Paulo), Colégio Internacional (Campinas), Colégio Piracicabano, Colégio Granbery e muitos outros. (2008, p. 22)

Existem atualmente no Brasil “dezessete denominações contadas como presbiterianas e reformadas em terras brasileiras, sendo a principal delas a Igreja Presbiteriana do Brasil” (FERREIRA, 2013, p. 230), e segundo o Censo 2010, do IBGE, 921.209 pessoas se identificaram como presbiterianos no Brasil.

2.2.3. Igrejas Batistas

Caracterizado pelo batismo imersivo, esse grupo possui ao menos três teorias principais sobre a origem dos Batistas no contexto do cristianismo. Conforme explicado por Pereira (2001, p. 13), é possível identificar três teorias mais relevantes sobre a origem dos batistas: “a primeira é a teoria JJJ ou Jerusalém-Jordão-João⁵. A segunda é a do parentesco espiritual com os Anabatistas do século XVI⁶. E a terceira é a teoria da origem dos Separatistas ingleses do século XVII⁷”.

Especificamente no Brasil, o início ocorreu em meados do século XIX. Antes da consolidação da fé batista no país, ocorreram três tentativas de introduzir essa denominação (OLIVEIRA, 2005, p. 376-391).

A primeira tentativa envolveu o missionário norte-americano Thomas Jefferson Bowen, que, após realizar missões na África, veio para o Brasil, especificamente para o Rio de Janeiro, em 1859. No entanto, devido a questões de saúde e financeiras, ele teve que retornar prematuramente para sua terra natal em 1861.

Em uma segunda tentativa, imigrantes americanos formaram a Primeira Igreja Batista em Santa Bárbara d'Oeste, São Paulo, em 10 de setembro de 1871, seguida posteriormente pela fundação por colonos americanos da segunda Igreja Batista, localizada em Estação, em 1879. No entanto, essas igrejas não tiveram grande êxito por não serem voltadas ao evangelismo, atendendo apenas aos colonos americanos.

⁵ Porte Júnior (2011, p. 2), explica esta teoria assim: “conhecida como ‘Sucessão Batista’, define que os Batistas surgiram do ministério de João Batista, nas margens do Rio Jordão. Eles traçam uma sucessão da moderna denominação Batista vinda dos Montanistas, Paulicianos, Waldenses, Albigenses, etc. Os defensores desta perspectiva argumentam que, cada um destes grupos, sustentou as crenças básicas dos batistas. G. H. Orchard, J. M. Cramp e J. M. Carroll, com sua obra *Rastro de Sangue*, estão entre os principais defensores desta posição”.

⁶ Porte Júnior (2011, p. 2) explica que “Os que sustentam a segunda perspectiva, a de que os Batistas vieram dos Anabatistas, argumentam que, ao tempo da Reforma, alguns que saíram da Igreja Romana, mas não se identificaram com os Reformadores Magistrais (Lutero, Zwinglio e Calvino), formaram um grupo à parte, buscando uma reforma “radical”. Estes, por sua posição de que o batismo devesse ser administrado apenas aos regenerados, ficaram conhecidos como Anabatistas (século dezesseis). É destes que, segundo os defensores desta visão, surgem os Batistas, também no século dezesseis”.

⁷ Porte Júnior (2011, p. 3) explica nesta teoria “que os Batistas surgiram dos Movimentos Puritano e Separatista na Inglaterra, durante o século dezessete. Esta é a posição defendida pelos principais historiadores batistas da atualidade: Michael A. G. Haykin e Thomas J. Nettles. Além destes, Champlin Burrage, W. T. Whitley, J. H. Shakespeare e B. R. White, historiadores batistas dos principais seminários nos Estados Unidos e na Europa, sustentam esta visão”.

Em 15 de outubro de 1882, a Primeira Igreja Batista da Bahia foi estabelecida em Salvador, liderada pelos missionários norte-americanos Willian Buck Bagby e Anne Luther Bagby, marcando a primeira igreja batista brasileira efetiva e duradoura.

Quanto às crenças e doutrinas, destacam-se

a autonomia completa das congregações locais, composição da igreja só por pessoas regeneradas, negação do batismo infantil, batismo exclusivo por imersão e uma tenaz convicção de liberdade religiosa. (MENDONÇA, 1984, p. 205)

Outro elemento de destaque entre os batistas é a forma congregacional com que as suas igrejas são administradas, com grande participação de seus membros nas atividades e decisões, já que “o governo eclesiástico é congregacional e eletivo” (FREESTON, 1993, p. 61).

De maneira resumida, os princípios enfatizados pelos batistas são:

- 1º) A aceitação das Escrituras Sagradas como única regra de fé e conduta.
- 2º) O conceito de igreja como sendo uma comunidade local democrática e autônoma, formada de pessoas regeneradas e biblicamente batizadas.
- 3º) A separação entre igreja e Estado.
- 4º) A absoluta liberdade de consciência.
- 5º) A responsabilidade individual diante de Deus.
- 6º) A autenticidade e apostolicidade das igrejas. (CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA, 2023).

Sobre este grupo, “hoje existem nove denominações batistas no Brasil, sendo que o grupo mais numeroso pertence à Convenção Batista Brasileira, fundada em 1907” (FERREIRA, 2013, p. 231). Os dados do censo 2010 do IBGE apontaram um relevante número de 3.723.853 batistas no Brasil.

2.3. Pentecostalismo e Neopentecostalismo

Uma parcela bastante representativa dos evangélicos está entre os pentecostais e neopentecostais, que iniciaram e tiveram grande expansão no Brasil ao longo do século XX. Apesar do início mais tardio do movimento, os membros destes grupos representam 60% dos evangélicos apontados pela pesquisa do Censo 2010, do IBGE.

Sabe-se que “o pentecostalismo possui grande variedade de formas” (FREESTON, 1993, p. 65), como de fato pode ser observado ao verificar as características dos movimentos pentecostal e neopentecostal.

2.3.1. Igrejas Pentecostais

O movimento pentecostal remonta suas origens aos Estados Unidos com os movimentos de santidade metodistas, chamadas “igrejas de santidade” e fundadas entre 1893 e 1900, que defendiam a ideia de perfeição cristã, em que o crente poderia receber uma segunda benção, e não ser mais dominado pelo pecado (FERREIRA, 2013, p. 281). Alguém relevante para o início do movimento pentecostal foi o evangelista independente Charles Fox Parham (1873-1929), que concluiu que o fenômeno de línguas de Atos 2 era evidência do batismo no Espírito Santo, e em 1901 após o evangelista impor as mãos em uma mulher, Agnes Ozman, ela afirmou ter recebido o Espírito Santo e começou a “falar em línguas desconhecidas”. O movimento se expandiu a Inglaterra e Escócia, e o metodista William Seymour (1870-1922), aluno de Parham, começou a pregar sobre o batismo com o Espírito Santo na rua Azusa, em Los Angeles, Califórnia, gerando um movimento a partir de 1906 que se espalhou pelos Estados Unidos e que também chegou ao Brasil a partir da década de 1910.

Ferreira explica ainda que este início no Brasil foi marcado pela fundação da Congregação Cristã (1910), uma divisão da Igreja Presbiteriana do Brás, em São Paulo, e ocorreu por meio da pregação do italiano Luigi Francescon (1866-1964), e pela fundação da Assembleia de Deus (1911), inicialmente chamada Missão de Fé Apostólica, fundada por dois missionários batistas suecos, Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963), após divisão na Primeira Igreja Batista de Belém do Pará.

O pentecostalismo clássico abrange estas duas igrejas pioneiras, e a partir da década de 1950, surgem as igrejas da segunda onda, o pentecostalismo de cura divina: Igreja do Evangelho Quadrangular (1950-1953) o Brasil Para Cristo (1955), a Igreja Nova Vida, (1960), fundada por Robert McAlister (1931-1993), Igreja Deus é Amor (1962) e a Casa da Benção (1964).

Entre as doutrinas ensinadas pelos pentecostais, estão o batismo no Espírito Santo como revestimento de poder para serviço e algo distinto da conversão, pois acredita-se que

as experiências descritas em Atos servem de modelo para a experiência cristã contemporânea, que o batismo no Espírito Santo (At 2.4) é uma capacitação pós-conversão para a missão e que o falar em línguas marca essa experiência. (MEINZES, 2016, p. 14)

Além do batismo no Espírito Santo, outra doutrina ensinada no movimento pentecostal é a atualidade da operação dos dons espirituais:

Os pentecostais são conhecidos por suas relações e experiências com a manifestação do Espírito de Deus, mas sua característica básica é o batismo no Espírito Santo, com seus dons e manifestações, como a glossolalia, as profecias, as curas e as outras operações de maravilhas. (SOARES, 2020, p. 11)

A respeito deste movimento, “as ênfases principais dos pentecostais clássicos são: o batismo no Espírito Santo, a busca por dons carismáticos e miraculosos, principalmente o “dom de línguas”, e uma liderança centralizada” (FERREIRA, 2013, p. 281,282). Quanto aos pentecostais da segunda onda, ou pentecostalismo de cura divina, “além de enfatizarem as curas divinas, esses novos grupos passaram a praticar o exorcismo e a usar uma música mais popular com ritmos nacionais durante cultos com ambiente informal.” (FERREIRA, 2013, p. 282). Já o pesquisador Mariano observa a respeito desta segunda onda que “essa vertente pentecostal notabilizou-se pelo intenso uso do rádio e pela pregação itinerante com o emprego de tendas de lona” (2004, p. 123).

O movimento pentecostal representa o segmento de maior popularidade entre os evangélicos no Brasil, pois embora o Censo 2010 do IBGE não faça uma divisão entre pentecostais e neopentecostais, a soma de respondentes que pertencem às igrejas Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Deus é Amor, O Brasil para Cristo, Casa da Bênção, Evangelho Quadrangular, totaliza aproximadamente 17,6 milhões de pessoas. Ao analisar a evolução apresentada por este censo de 2010, alguns segmentos de crescimento e fatores envolvidos nessa popularidade podem ser observados:

O pentecostalismo, portanto, continua se expandindo nos estratos econômica e socialmente mais vulneráveis da população, concentrando-se nas periferias urbanas das capitais e das áreas metropolitanas e nas fronteiras agrícolas das regiões Norte e Centro-Oeste (Jacob et al., 2003). Expande-se, sobretudo, em territórios pobres e desassistidos, onde, a partir de 1980, tornou-se epidêmica a violência entre jovens do sexo masculino e disseminaram-se gangues e facções armadas, locais geralmente em que tanto a presença católica quanto a dos poderes públicos é rarefeita. (MARIANO, 2004, p. 2013)

Estes ambientes urbanos das capitais do Brasil, marcados pelas periferias e falta de assistência governamental, são fatores com grande relevância na expansão do movimento

pentecostal no país, e futuramente podem vir a ter importância também a respeito da continuidade ou não sobre o crescimento do movimento.

2.3.2. Igrejas Neopentecostais

Outra vertente que tem considerável importância no contexto brasileiro refere-se às igrejas da terceira onda pentecostal, também chamada onda neopentecostal. Mariano (1999, p. 33) faz uma observação interessante ao afirmar que “o prefixo *neo* mostra-se apropriado para designá-la tanto por remeter à sua formação recente como ao caráter inovador do neopentecostalismo”.

As igrejas deste movimento surgiram ao final da década de 1970 e início de 1980. Entre as principais igrejas, todas estas fundadas por brasileiros, estão a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Apostólica Renascer em Cristo (1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1992) e Igreja Mundial do Poder de Deus (1998).

Em relação as doutrinas adotadas por neopentecostais, está a necessidade de um ministério sobrenatural e milagroso, mas não necessariamente reconhecendo o batismo do Espírito Santo como uma experiência posterior à conversão. Também existe a orientação para a prática dos dons espirituais, embora não enfatizem as línguas, consideradas opcionais e que não ocorrem com frequência. Outra crença adotada é a respeito de sinais e prodígios (principalmente o cair, as risadas, embriaguez espiritual, etc), além dos milagres, encontros de poder, mapeamento espiritual e ministérios de libertação (DEIROS, 2020, p. 932).

De forma complementar sobre as doutrinas, é interessante notar que o neopentecostalismo é caracterizado pela pregação da teologia da prosperidade, que ensina que o cristão está destinado a ser próspero financeiramente, saudável e feliz neste mundo, em oposição ao ensino do pentecostalismo clássico, de rejeição à busca da riqueza, status social e prazeres da vida terrena. (MARIANO, 1999, p. 36). Além disso, o mesmo autor observa que as igrejas neopentecostais frequentemente enfatizam a guerra espiritual contra forças demoníacas, promovendo a ideia de que muitos problemas pessoais e sociais são causados por influências demoníacas, além do abandono do ascetismo intramundano, como a liberalização de estereotipados usos e costumes de santidade. (1999, p. 44)

Quanto a elementos realçados pelos neopentecostais,

suas principais ênfases são sinais e maravilhas, com fortes elementos mágicos; confrontos com poderes demoníacos (exorcismos) e manifestações emocionais fortes; ensino da prosperidade, que enfatiza que o estar bem com Deus é prosperar financeiramente; e a noção de “guerra espiritual” [...] Forte uso dos meios de comunicação e no ensino da teologia da prosperidade, a cura divina, a utilização de objetos “ungidos” e, particularmente, a noção de que o mal é resultado da atuação direta dos demônios. O dom de línguas perdeu sua importância nas igrejas neopentecostais. (FERREIRA, 2013, p. 282)

Como já mencionado anteriormente, o Censo 2010 do IBGE não apresenta uma separação entre pentecostais e neopentecostais, porém a identificação de pessoas que se declararam pertencentes às igrejas Universal do reino de Deus e Nova Vida já totaliza quase 2 milhões de pessoas, número que certamente aumenta, se for considerada a quantidade de mais de 5 milhões de respondentes classificados em “Outras”, número que pode contemplar membros de igrejas neopentecostais como Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, entre outras.

2.4. Considerações sobre elementos compartilhados pelos cristianismos evangélicos do Brasil no século XXI

Após verificar as características distintivas de grupos evangélicos no Brasil, a partir de igrejas protestantes históricas, pentecostais e neopentecostais, a pesquisa adota também a tarefa de examinar quais elementos são geralmente compartilhados majoritariamente entre as diversas expressões do cristianismo evangélico brasileiro.

Nesta direção, é possível verificar elementos comuns aos diversos grupos evangélicos no Brasil, como podem ser extraídos a partir de documentos de confissão de fé das igrejas estudadas, ainda que ocorram distintas ênfases ou interpretações a respeito.

Entre estas diferentes igrejas, há a compreensão da Bíblia como autoridade. De forma geral, há a crença comum de que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada:

A Bíblia é a Palavra de Deus em linguagem humana. É o registro da revelação que Deus fez de si mesmo aos homens. Sendo Deus seu verdadeiro autor, foi escrita por homens inspirados e dirigidos pelo Espírito Santo. (Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasil; CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA).

Creemos, professamos e ensinamos que a Bíblia Sagrada é a Palavra de Deus, única revelação escrita de Deus dada pelo Espírito Santo, escrita para a humanidade e que o Senhor Jesus Cristo chamou as Escrituras Sagradas de a "Palavra de Deus". (Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil; SOARES, 2017, p. 25).

[...] Bíblia, que foi escrita por homens divinamente inspirados, como mostra 2 Timóteo 3.16-17: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. (Em que cremos; IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS).

A partir do reconhecimento do valor da Bíblia, há também a doutrina da salvação pela fé, portanto, não sendo obtida através de obras, mas na fé em Jesus, nascido de uma virgem, com o propósito de ser salvador e único meio de reconciliação entre Deus e a humanidade, por meio de sua morte e ressurreição para proporcionar perdão e salvação:

[...] que nossas obras não nos podem reconciliar com Deus e obter graça; isso, ao contrário, sucede apenas pela fé, quando cremos que os pecados nos são perdoados por amor de Cristo, o qual, ele só, é o mediador que pode reconciliar o Pai. (LIVRO DE CONCÓRDIA - AS CONFISSÕES DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA, 2006, p. 37)

Nós cremos que o novo nascimento e a regeneração só se recebem pela fé em Jesus Cristo, que pelos nossos pecados foi entregue e ressuscitou para nossa justificação. (Pontos de Doutrina; CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL)

Jesus sofreu por nossos pecados, foi morto e sepultado. Ao terceiro dia, ressuscitou e, através desse martírio, nos propiciou a Salvação. (No que cremos; IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS)

Relacionado a Jesus, também está a crença comum na existência da Trindade:

Na unidade da Divindade, há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade: Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. O Pai não é de ninguém; não é gerado nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho. (Doutrina; IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, p. 5)

Cremos, professamos e ensinamos o monoteísmo bíblico, que Deus é uno em essência ou substância; indivisível em natureza e que subsiste eternamente em três pessoas — o Pai; o Filho e o Espírito Santo, iguais em poder, glória e majestade e distintas em função, manifestação e aspecto. (Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil; SOARES, 2017, p. 39)

[...] a Universal expressa a sua fé e crença no Deus vivo. Com base na Bíblia, ela revela o poder que o Pai, o Filho e o Espírito Santo têm em transformar e salvar vidas. (Em que cremos; IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS)

Outra compreensão comum aos diversos grupos abordados na pesquisa é a crença na futura volta de Jesus, embora ocorram diferentes interpretações sobre a forma e o momento que esse retorno ocorrerá.

Em cumprimento à sua promessa, Jesus Cristo voltará a este mundo, pessoal e visivelmente, em grande poder e glória. Os mortos em Cristo serão ressuscitados, arrebatados e se unirão ao Senhor. Os mortos sem Cristo também serão

ressuscitados. (Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasil; CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA).

Nós cremos que o mesmo Senhor (antes do milênio) descerá do céu com alarido, com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. (Pontos de Doutrina; CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL)

Retorno de Cristo, a Esperança e o Futuro. Jesus Cristo já venceu a morte, quando ressuscitou no terceiro dia, após ter sido crucificado. Todos que foram salvos por Jesus, irão também participar desta vitória sobre a morte, quando Ele voltar no arrebatamento da igreja. (Fundamentos de Fé; IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR)

Entretanto, é possível notar também pontos de divergências entre estas diferentes igrejas. Como exemplo, a prática do batismo por imersão ou aspersão é um dos elementos de variação:

O batismo consiste na imersão do crente em água, após sua pública profissão de fé em Jesus Cristo como Salvador único, suficiente e pessoal. Simboliza a morte e sepultamento do velho homem e a ressurreição para uma nova vida em identificação com a morte, sepultamento e ressurreição do Senhor Jesus Cristo e também prenúncio da ressurreição dos remidos. O batismo, que é condição para ser membro de uma igreja, deve ser ministrado sob a invocação do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasil; CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA)

Não é necessário imergir o candidato na água, mas o batismo é corretamente administrado derramando-se ou aspergindo-se água na pessoa. (Doutrina; IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, p. 19)

Outro ponto de divergência que pode ser identificado entre as diferentes denominações está relacionado a respeito da crença sobre a possibilidade ou não do cristão perder sua salvação:

Os que Deus aceitou em seu Amado, eficazmente chamados e santificados pelo seu Espírito, não podem cair do estado de graça, nem total nem finalmente; mas com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até ao fim, e estarão eternamente salvos. (Doutrina; IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, p. 12)

Rejeitamos a afirmação segundo a qual "uma vez salvo, salvo para sempre", pois entendemos à luz das Sagradas Escrituras que, depois de experimentar o milagre do novo nascimento, o crente tem a responsabilidade de zelar pela manutenção da salvação a ele oferecida gratuitamente: "Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo" (Hb 3.12). Não há dúvidas quanto à possibilidade do salvo perder a salvação, seja temporariamente ou eternamente. (Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil; SOARES, 2017, p. 114)

Desta maneira, é possível constatar que, apesar das diferenças especialmente por ênfases ou interpretações distintas dentro de determinados grandes temas, há muitas

doutrinas primordiais compartilhadas por igrejas históricas, pentecostais e neopentecostais. Sobre este aspecto, é muito relevante considerar a contribuição valiosa de Grudem (2022, p. 47):

Com frequência, os cristãos dizem que desejam buscar concordância na igreja sobre doutrinas primordiais, mas também tolerar diferenças em doutrinas secundárias. Tenho visto que a seguinte norma é útil: Uma doutrina primordial é a que tem impacto significativo em nosso pensamento acerca de outras doutrinas, ou que tem impacto significativo em como vivemos como cristãos. Uma doutrina secundária é a que tem impacto muito pequeno sobre o que pensamos acerca de outras doutrinas e impacto muito pequeno sobre como vivemos como cristãos.

Com o trabalho desenvolvido neste capítulo de pesquisar algumas das principais correntes evangélicas no Brasil do século XXI, apresentando suas origens, ênfases, crenças e popularidade, assim como expor conexões que unem esta diversidade religiosa contemporânea brasileira, o capítulo seguinte se dedicará inicialmente a analisar conjuntamente a pesquisa desenvolvida nos dois primeiros capítulos deste trabalho para identificar possíveis elementos de diversidade que ocorrem nos dois contextos pesquisados. Na sequência, além de buscar explorar possíveis perspectivas a serem adotadas frente a ambientes de pluralidade, o capítulo também se dedicará a analisar exegeticamente a proposta bíblica contida na carta do apóstolo Paulo aos Efésios, mais especificamente no capítulo 4, versículos 1 ao 16, e assim, examinar quais as possíveis orientações presentes neste conteúdo bíblico e possível relevância para ambientes de pluralidade.

3. COMPARATIVOS JUDAICO-CRISTÃOS E PERSPECTIVAS DIANTE DA PLURALIDADE

O primeiro e segundo capítulos desta pesquisa descreveram origens históricas e características dos multifacetados ambientes judaico do primeiro século e evangélico brasileiro do século XXI, apresentando características específicas e individuais de alguns dos principais grupos ou vertentes de cada uma dessas religiões.

Este capítulo se dedicará a elaborar comparações entre estes dois contextos pesquisados, e após isso, desenvolver quais perspectivas possíveis a serem adotadas diante de ambientes de pluralidade, e compreender exegeticamente a proposta bíblica presente na carta de Paulo aos Efésios, capítulo 4, versículos 1 ao 16.

3.1. Comparativos de diversidade entre os Judaísmos do primeiro século e Cristianismos Evangélicos do século XXI

A análise comparativa entre o contexto judaico do primeiro século e o ambiente evangélico do século XXI revela uma notável variedade de elementos significativos, enriquecendo assim a compreensão dessas duas realidades distintas. Ao examinar de forma mais aprofundada esses cenários em paralelo, torna-se evidente a presença de uma ampla gama de características distintas que se desdobram nesses dois períodos, destacando de maneira clara como a diversidade se manifesta de maneira relevante nos dois ambientes.

Ao observar esses dois cenários em conjunto, é possível identificar elementos de diversidade que, embora contextualmente distintos, compartilham semelhanças na complexidade de suas composições. Assim, uma análise mais profunda desses dois períodos permite notar a dinâmica de diversidade em ambos os contextos e verificar uma gama de elementos que se desenvolvem nestes dois cenários, destacando como a diversidade se manifesta nestes ambientes.

A compreensão sobre a convivência frente a sociedade é um dos elementos de diversidade, e as suas consequentes atitudes de maior aproximação ou afastamento na relação com a sociedade. Na pesquisa sobre o judaísmo do primeiro século, foi possível notar que enquanto havia partidos, como os essênios, que buscavam se isolar o máximo possível do ambiente da sociedade, havia, por outro lado, os herodianos que conviviam e

chegavam a desfrutar de muitos dos benefícios da forma como a sociedade estava organizada por meio da liderança do governo de Herodes. Similarmente, no ambiente evangélico brasileiro também é possível notar posicionamentos de maior proximidade ou afastamento, como nas igrejas neopentecostais com suas ênfases e ensino de que seu seguidor deve buscar ser próspero financeiramente, saudável e feliz neste mundo, em oposição ao ensino do pentecostalismo clássico, de rejeição à busca da riqueza, status social e prazeres da vida terrena (MARIANO, 1999, p. 36, 44).

O enfoque no estudo das Escrituras é outro elemento de diversidade que emerge ao examinar os judaísmos do primeiro século e o cristianismo evangélico do século XXI. A pesquisa apresentou diferenças nas abordagens adotadas por diferentes grupos judaicos em relação a este aspecto. Os fariseus, por exemplo, eram conhecidos por sua dedicação ao estudo mais aprofundado das Escrituras, sobre os quais Josefo afirma que eram “tidos como os mais perfeitos conhecedores de nossas leis” e “muito mais instruídos que os outros, em coisas de religião” (1990, p. 1000, 1106). Por outro lado, os zelotes, cujo enfoque no estudo das Escrituras era menos proeminente em comparação com sua prioridade por planos e ações de resistência contra o domínio romano. Embora não negligenciassem as Escrituras, os zelotes direcionavam sua atenção e interesse de maneira mais acentuada para estratégias de oposição e resistência ativa.

No contexto do cristianismo brasileiro, de forma semelhante, é possível identificar também distintos grupos que, ao longo da história, têm se destacado por suas diferentes abordagens em relação ao estudo da Bíblia e de literatura correlata. Essa diversidade é evidente ao observarmos que, na tradição presbiteriana, por exemplo, há uma herança profundamente enraizada na valorização das Escrituras, refletida desde a atuação dos primeiros presbiterianos do Brasil. De acordo com Matos (2004, p. 73), “os pioneiros presbiterianos do Brasil foram herdeiros de uma nobre e longa tradição de apreço pelas Escrituras, bem como de estudo e ensino das mesmas”.

A ênfase destacada no estudo das Escrituras, característica das igrejas presbiterianas, não se manifesta necessariamente no mesmo nível em outros segmentos evangélicos, como, por exemplo, os pentecostais. Este último grupo se destaca mais por outras ênfases, como a ênfase no batismo no Espírito Santo e na busca pelos dons espirituais (FERREIRA, 2013, p. 281,282). Assim, a diversidade de prioridades e focos entre esses diferentes grupos evangélicos no Brasil evidencia a pluralidade de perspectivas em relação à importância e abordagem do estudo das Escrituras.

Elementos de crenças também podem ser observados com grande diversidade entre os grupos estudados, manifestando-se de maneira relevante tanto no judaísmo do primeiro século quanto no cenário evangélico brasileiro. No contexto do judaísmo tardio, surgem divergências significativas sobre, por exemplo, a doutrina da ressurreição. Enquanto os fariseus acreditavam e defendiam firmemente essa possibilidade, os saduceus mantinham uma posição oposta, rejeitando de maneira rigorosa a doutrina da ressurreição, marcando assim uma clara divergência teológica entre esses dois grupos judaicos.

De maneira análoga, no contexto cristão brasileiro, as divergências sobre determinados temas de crença também se fazem presentes. Um exemplo notável é o debate que ocorre em torno do batismo infantil. Enquanto igrejas presbiterianas e luteranas defendem e praticam essa doutrina, outras denominações como as igrejas batistas, pentecostais e neopentecostais geralmente não realizam a prática do batismo infantil e não concordam com esta doutrina.

Os grupos judaicos e evangélicos abordados nesta pesquisa exibem notável diversidade também em relação aos níveis de popularidade que cada um deles apresenta. Como um exemplo relevante, o presente trabalho mostrou que na análise do primeiro século, os fariseus apareciam como um grupo de considerável popularidade e angariaram um número substancial de adeptos, superando outros grupos contemporâneos, como os herodianos.

De forma similar, ao analisar o cenário evangélico brasileiro, é possível observar que as igrejas pentecostais alcançaram um nível substancial de popularidade. Essa ascendência é notável, considerando que representam aproximadamente 25 dos 42 milhões de evangélicos no Brasil, conforme indicado pelos dados do Censo Demográfico do IBGE de 2010.

Portanto, ao explorar as diferenças presentes tanto entre os grupos judaicos do primeiro século quanto nos evangélicos brasileiros, percebemos como diferenças entre fatores sociais, teológicos, doutrinários e de popularidade contribuem para moldar as características dos grupos pesquisados. Essa diversidade destaca a complexidade envolvida nestes ambientes e pode contribuir para as devidas reflexões relacionadas a esse tipo de contexto.

3.2. Perspectivas possíveis frente a pluralidade

Frente a todo esse ambiente diverso, quais posturas são possíveis em contextos de pluralidade? As condutas tomadas neste tipo de cenário podem conduzir a um apego de convicções ou para atitudes de diálogo ou ainda para outros posicionamentos? São questionamentos úteis para conduzir reflexões sobre condutas possíveis em meio a contextos de diversidade, como estes ambientes estudados na presente pesquisa.

Nesta direção, serão estudadas diferentes posturas possíveis: sectarismo, uniformidade, e por fim, a unidade na diversidade.

3.2.1. Sectarismo

Com contextos tão plurais observados no judaísmo do primeiro século e nas igrejas evangélicas do século XXI, é possível que alguém compreenda a necessidade de valorizar e defender suas crenças e compreensões pessoais e denominacionais. Porém o avanço nessa direção, sem o devido equilíbrio, pode levar a uma postura bastante nociva, que é a do sectarismo⁸, quando se passa a adotar uma visão exclusiva de sua fé, muitas vezes em detrimento da compreensão e aceitação de outras tradições religiosas ou interpretações. Siqueira explica como o sectarismo se apresenta e também faz um alerta a este respeito:

É sectário quem não tem nenhuma consideração pela espiritualidade fora da própria experiência e de seu vocabulário. [...] O sectarismo talvez seja um dos maiores males do movimento evangélico contemporâneo em todo o mundo. Trata-se de um estado de espírito. É a disposição à intolerância, à intransigência, à polarização e ao fechamento em clubismos. [...] O sectário faz de doutrinas secundárias, bandeiras partidárias, ideologias políticas e divergências denominacionais a causa última de sua existência. Tal visão de mundo, obviamente, não combina com o evangelho de Jesus. O sectário não acredita na unidade do corpo de Cristo; aliás, para o sectário, quem define o corpo de Cristo são os seus termos pessoais. (2021, p. 31, 114)

Portanto, a postura sectária pode levar à intolerância de formas distintas de expressão e compreensão, ao entender que suas interpretações e expressões doutrinárias são consideradas como as únicas aceitáveis.

⁸ “Sectarismo” no sentido comum apresentado pelo dicionário Houaiss indica bem o significado desta disposição: Condição de quem tem espírito limitado, estreito, de seita; estado de espírito ou atitude sectária; intransigência, intolerância. Verbetes “Sectarismo”, em HOUAISS. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 18 out. 2023.

O sectarismo não valoriza a amplitude de diversidade que existe nas diferentes manifestações da igreja e seus benefícios gerados para a visão mais ampla. “Esse sectarismo leva à erosão e ao desaparecimento da consciência de igreja. Não há mais consciência da diferença entre igreja e uma associação voluntária.” (BAVINCK apud MIGUEL, 2022, p. 88).

Portanto, a atitude de sectarismo pode considerar o “diferente” como indigno ou não verdadeiro, e gera sérios riscos, pois

O sectarismo implica deixar deliberada e propositadamente a comunidade maior, a "grande congregação" que aparece com tanta frequência em Salmos, o conjunto de céus e terra, e enveredar por um caminho de interesses específicos com outros, sejam poucos, sejam muitos, que tenham pontos de vista e gostos semelhantes aos nossos. [...] O sectarismo é para a comunidade o que a heresia é para a teologia. É a remoção de uma parte do todo. A parte é, naturalmente, boa – uma obra de Deus. Mas além do todo, ela está fora do contexto e, portanto, diminuída, desvinculada do que precisa do todo e do que resta do todo. (PETERSON, 2007, p. 311)

Por tudo isso, o sectarismo representa uma atitude de hipervalorização individual e que despreza o todo, portanto, se torna uma postura perigosa por se distanciar do caminho bíblico e pelos problemas potenciais que pode desencadear.

3.2.2. Unidade uniformizadora

Enquanto o sectarismo promove a divisão por rejeitar ou menosprezar aqueles que têm perspectivas diferentes, outra abordagem possível e oposta ao espírito sectário é a de busca pela unidade. Contudo, a direção pela unidade pode acabar se transformando em uma busca por uniformidade⁹. Labatut faz um alerta sobre esse risco, ao afirmar que

a chave que abre nosso coração para a unidade perfeita almejada por Cristo é entendermos que unidade é diferente de uniformidade. Afinal, nós não precisamos nem devemos ser iguais; precisamos apenas estar unidos. Não precisamos nem devemos abrir mão de ser quem somos; devemos apenas respeitar, admirar e, principalmente, receber daqueles que são diferentes de nós. (2022, p. 67, 68)

A busca por uma unidade que tenha por premissa a estrita igualdade de pensamento, manifestação e experiência em qualquer espaço e tempo, resulta nessa abordagem de

⁹ Uniformidade: o sentido comum apresentado pelo dicionário Houaiss indica bem o significado desta disposição: Regularidade no modo de agir, sentir etc; ausência de variedade, de diversidade, de multiplicidade”. Verbete “Uniformidade”, em HOUAISS. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 18 out. 2023.

uniformidade, que pode acabar desperdiçando oportunidades e, ao final, gerar mais prejuízos que os aparentes benefícios iniciais.

Alguns dos potenciais prejuízos que a busca por uniformidade pode gerar foram abordados por Keller, que expôs que

Se não aceitar que a Bíblia apresenta vários modelos de igreja, seu movimento e rede de trabalho acabarão plantando igrejas clonadas nos bairros, cujo modelo é inadequado ou talvez terá líderes cujos dons não se encaixam ali. Seu próprio movimento correrá o risco de se tornar muito homogêneo, alcançando apenas um tipo de vizinhança ou pessoa, deixando de refletir em sua igreja a diversidade humana que Deus estabeleceu. Por mais que acreditemos que as pessoas em geral vão querer fazer parte de nosso modelo particular de cristianismo, isso não é verdade. A cidade não será conquistada para Jesus a menos que muitas denominações se tornem mini-movimentos dinâmicos. (2014, p. 436)

Em virtude do que foi mencionado, é possível compreender que a atitude de busca por uniformidade ocasiona limitações até mesmo para a expansão do evangelho, exatamente por não conseguir alcançar diferentes tipos de pessoas e ficar restrito ao único padrão estabelecido.

3.2.3. Unidade na diversidade

A postura de unidade na diversidade visa um equilíbrio através do qual não haja uma visão exclusivista de si mesmo como único grupo correto (sectarismo), nem busca eliminar diferenças de pensamento e expressão ao igualar todos rigorosamente (uniformidade). Esta disposição se alinha bem à proposta bíblica da universalidade do evangelho, pois “esta é a essência da catolicidade da igreja: unidade na diversidade. O cristianismo é uma religião monoteísta que abrange toda a multiplicidade étnica presente neste mundo.” (SIQUEIRA, 2021, p. 112).

Logo, reconhecer a diversidade tão presente entre as pessoas e, paralelamente enaltecer o valor de tantos elementos unificadores presentes no cristianismo é essencial para que esta postura se concretize e, para tanto, “é necessário saber harmonizar os pontos convergentes e não se deter nos divergentes. Aquilo que nos une como cristãos-evangélicos é bem maior do que os pontos que nos separam” (BEZERRA, 2022, p. 56). A consequência desta predisposição é beneficiar de forma prática e real o propósito do reino de Deus:

Unidade se alcança quando se valoriza o que se tem em comum e se trata com graça e amor aquilo que diferencia irmãos. E isso não é utópico, em absoluto, tampouco contamina a sã doutrina: é um caminho de vida, pela soma de dons, talentos e chamados em prol do reino de Deus, e uma vereda que leva à glória de Pai, Filho e Espírito Santo. (ZÁGARI, 2022, p. 150)

John Stott, no primeiro capítulo de seu livro “Cristianismo Equilibrado”, trata sobre a polarização contemporânea tão presente entre cristãos evangélicos, o que ele considera tal fenômeno como uma tragédia, afirmando que os cristãos, muitas vezes, criam barreiras entre si por questões de menor relevância:

Nós nos separamos uns dos outros por assuntos pouco importantes. Algumas das questões que nos dividem são teológicas; outras temperamentais. Teologicamente, por exemplo, podemos discordar na relação exata entre soberania divina e responsabilidade humana, na “ordem” e ministério pastoral da igreja (se deve ser episcopal, presbiteriano ou independente) e até onde os crentes podem envolver-se numa “mistura” denominacional sem que se comprometam a si mesmos e a fé que professam; nas relações Igreja-Estado; em quem está qualificado para ser batizado e no volume de água a ser usado; em como interpretar profecia, em quais dons espirituais estão disponíveis hoje e quais são os mais importantes. Estas são algumas das questões nas quais crentes igualmente dedicados e bíblicos discordam entre si. São questões que os reformadores chamam de “adiaforia”, questões “indiferentes”. Desta forma, embora pretendemos continuar defendendo nossa própria convicção das Escrituras, em conformidade com a luz que nos tem sido dada, procuraremos não pressionar dogmaticamente a consciência de outros crentes, mas tratar a cada um com liberdade, em amor e respeito mútuo. Não se pode fazer coisa melhor do que mencionar o famoso epigrama atribuído a um certo Rupert Meldenius e citado por Richard Baxter. Em coisas essenciais, unidade; nas não-essenciais, liberdade; em todas as coisas, caridade. (STOTT, 2017, p. 5)

O teólogo britânico chama a atenção para esta atitude da busca pela unidade em meio a diversidade, pois a pluralidade é uma característica bastante presente no cristianismo e uma postura equilibrada diante deste ambiente plural é essencial para a igreja.

3.3. A unidade na diversidade em Efésios 4.1-16

O conteúdo presente na carta escrita por “Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, aos santos e fiéis em Cristo Jesus que estão em Éfeso” (EF 1.1), capital da província romana da Ásia Menor, e uma das maiores cidades do império romano é extremamente útil para melhor compreensão e atitude cristã. Esta carta aborda aspectos muito relevantes para a vida cristã: trata inicialmente da obra de redenção em Cristo, contém uma oração pelas bênçãos advindas do propósito divino e também apresenta um

material fortemente instrutivo e prático para as relações humanas e como a igreja deve buscar adotar a postura de unidade em um ambiente de diversidade.

O tema da unidade tem destaque especialmente no capítulo 4, quando o apóstolo trata sobre a diversidade presente e, ao mesmo tempo, da unidade que deve se manifestar. Hendriksen (2004, p. 215) aborda essa questão em seu comentário sobre a carta aos Efésios, e ao falar do conteúdo presente em Efésios 4.1-16, o comentarista afirma que “o subtítulo unidade orgânica (em meio à diversidade) e crescimento em Cristo fornece a verdadeira chave do conteúdo desta seção.” Por conseguinte, a pesquisa apontará quais orientações nesse sentido estão presentes na perícopes delimitada em Efésios 4.1-16, acompanhando a mesma delimitação proposta tanto por Hendriksen (2004, p. 78), quanto por Tenney (2008, p. 335). Para esta tarefa proposta, tal perícopes será apresentada em duas partes (4.1-6 e 4.7-16), facilitando a compreensão do conteúdo presente.

3.3.1. Unidade em Efésios 4.1-6

Paulo, após abordar o propósito de Deus para sua Igreja e orado para que viessem a conhecer melhor as bênçãos advindas desse plano divino, passa a tratar neste capítulo 4 sobre a vocação dos cristãos efésios, como deveriam se portar, e inicia falando da condição que ele estava vivendo, a saber, como prisioneiro no Senhor (v. 1). Este ponto é chamativo pelo contexto da vida do próprio apóstolo, que mesmo vivenciando a situação desfavorável de estar efetivamente preso e com limitações de movimentação e proximidade física a outras pessoas, faz um apelo intenso (παρακαλέω - rogo) aos efésios sobre como, a partir da vocação divina recebida, deveriam viver e se relacionar com outras pessoas.

Baseando-se na sua difícil situação vivida como prisioneiro, mas que ao mesmo tempo, mostrava que o apóstolo vivia isto exatamente pelo seu testemunho fiel e lhe dava qualificações para mostrar que ele poderia ensiná-los, Paulo primeiramente roga aos efésios que vivessem vidas fiéis aos seus compromissos junto a Deus, e aponta qualidades que estes irmãos deveriam manifestar, como humildade, docilidade, paciência. A vocação divina recebida por eles, sendo exercida com tais características, deveria conduzi-los a uma convivência mútua em que eles estariam “suportando-vos uns aos outros em amor.” (v. 2). Portanto, o apóstolo tem conduzido o seu ensino para a forma como deveriam conviver em harmonia.

A partir deste ponto, Paulo amplia o seu apelo quanto a forma de convivência que vem sendo ensinada, e o versículo 3 indica também a maneira como deveriam exercer isso, ao orientar que seria “esforçando-vos diligentemente” (σπουδάζοντες). Tanto é que essa ideia de continuidade e ampliação do pensamento de Paulo pode ser observada pelo uso deste termo “σπουδάζοντες”, como flexão do verbo σπουδάζω no particípio presente, que somada ao termo do segundo versículo “ἀνεχόμενοι” (suportando-vos), também no particípio presente, sugerem indicar uma orientação de ação constante e em continuidade, visto que “um particípio presente expressa uma ação contínua, linear” (REGA, 2014, p. 208).

Assim, parece que Paulo quer indicar que se eles obedecerem a orientação de que “andeis”, ou seja, tivessem um modo de vida continuamente “suportando-vos uns aos outros em amor” e “esforçando-vos diligentemente” (verbos “ἀνεχόμενοι” e “σπουδάζοντες” no particípio presente) poderiam então alcançar o propósito defendido pelo apóstolo de “preservar (verbo no presente ativo) a unidade do Espírito”. Este alinhamento entre as ações indicadas pelas flexões verbais adotadas por Paulo e o propósito atrelado parece estar em conformidade com o que é apontado pela gramática grega de Daniel B. Wallace (2009, p. 625):

O particípio presente normalmente é simultâneo ao tempo da ação do verbo principal, especialmente quando estiver relacionado a um tempo presente do verbo principal (frequentemente, de fato, segue um imperativo presente como um particípio modal). Mas esse particípio pode ser anterior ao tempo do verbo principal, especialmente se for articular (e assim adjetival; cf. Mc 6:14; Ef 2:13). Também, o particípio presente ocasionalmente é subsequente em certo sentido ao tempo do verbo principal. Isso acontece quando o particípio tiver valor télico (propósito) ou consecutivo ao mesmo (cf. Ef 2:14). Mas como Robertson apontou: “Não é estritamente verdade que aqui o particípio presente signifique tempo futuro ou subsequente. E somente que o propósito coincide com o verbo.

Esta unidade do Espírito (v. 3) é vital para a igreja, pois “a unidade espiritual aqui indicada é um pré-requisito indispensável para promover a saúde e a felicidade da igreja, para adiantar a causa das missões e para alcançar a vitória sobre Satanás e seus aliados.” (HENDRIKSEN, 2004, p. 218). Esta unidade é essencial e realmente considerada por Paulo, pois

O apóstolo está ciente da variedade incontável de diferentes temperamentos entre seus leitores e também da grande diversidade de origens raciais e sociais daqueles que ingressaram no seio da Igreja cristã; mas queria que eles estivessem mais cômicos ainda das realidades espirituais que agora os unem e que devem superar completamente as diferenças de origem que traziam. (FOULKES, 1983, p. 92)

Paulo se voltará nos versículos seguintes para características de unidade ligadas a Deus, a Jesus e ao Espírito Santo, portanto, acima de qualquer barreira terrena, e como ela pode ser aplicada para benefício espiritual de toda a Igreja, pois Paulo é conhecedor que “a unidade é, realmente, uma unidade espiritual, e, portanto, transcende e ultrapassa qualquer instituição ou associação que possua suas bases nas coisas deste mundo.” (FOLKES, 1983, p. 92). Nos versículos 4 a 6, há três elementos formadores de unidade indicados tanto no versículo 4 quanto no versículo 5, e há ainda no versículo 6 a sinalização da unidade na Trindade, quando o apóstolo se dedica a escrever sobre o Deus Pai.

No versículo 4, a tríade apresentada é composta por: 1) um “corpo” (σῶμα), que corresponde a igreja, composta por judeus e gentios e uma única família no céu e na terra, conforme ele mesmo já apresentou nesta carta (2.4-22; 3.15); 2) um “espírito” (πνεῦμα), indicando que o mesmo Espírito Santo chamou a todos eles para a vocação apontada na carta; 3) uma “esperança” (ἐλπίδι), a qual deve ser a mesma entre eles de “receber a herança entre os santos na luz, como recompensa graciosa de Deus por uma vida a ele consagrada” (HENDRIKSEN, 2004, p. 220).

Ao prosseguir para o versículo 5, a próxima tríade se constitui de: 1) um “Senhor” (κύριος), sendo Jesus Cristo este Senhor. Para Folkes (1983, p. 93,94), Paulo tem intenção de mostrar que se há o mesmo Senhor, “judeus e gentios, negros e brancos, ricos e pobres, grandes e pequenos, estão unidos” e que “nem espírito partidário, nem disputas acerca de questões secundárias, quebrarão essa unidade”; 2) uma “fé” (πίστις), no sentido provável de que se refira a confiança real no Senhor Jesus Cristo e 3) um “batismo” (βάπτισμα), como sinal público desta fé no Senhor Jesus, sendo a mesma experiência compartilhada por todos que passavam a crer em Jesus. Portanto, “é melhor tomar a sentença toda como expressão de um único fato fundamental: um só Senhor, em quem todos nós cremos e em cujo nome todos fomos batizados” (SCOTT apud HENDRIKSEN, 2004, p. 221).

Após as duas tríades apresentadas, o versículo 6 se concentra em apresentar que a unidade está baseada em “um só Deus e Pai” (εἷς θεὸς καὶ πατήρ). Exatamente por ser pai de todos, “todos são Suas criaturas, são como filhos Seus, feitos à Sua imagem desde o princípio, e são como Seus filhos trazidos de volta por meio de Cristo. Portanto, todos os cristãos pertencem a uma e à mesma família” (FOLKES, 1984, p. 94). Desta maneira, considerando as centralizações apontadas no versículo 4 no Espírito Santo, no versículo 5 em Jesus Cristo e no versículo 6 em Deus Pai, Paulo está compondo um conteúdo que

demonstra o vínculo da unidade na diversidade nestes três versículos, pois “as três fibras se unem para tornar-se um só fio” (HENDRIKSEN, 2004, p. 222).

3.3.2. Diversidade em Efésios 4.7-16

Após concentrar-se mais no aspecto da unidade nos seis primeiros versículos, Paulo se dedica agora a expor sobre o aspecto da diversidade presente nos diferentes membros e dons distribuídos no corpo de Cristo. Por isso, ele aborda o aspecto da graça (χάρις) no versículo 7, mostrando que ela é repartida conforme a boa vontade de Deus a cada um, o que já aponta diversidade em sua distribuição e manifestação.

No versículo 8, Paulo faz mais uma aplicação do que uma citação do Salmo 68.18, pois ao afirmar que “Quando ele subiu às alturas”, há uma referência a Jesus e sua ascensão (HENDRIKSEN, 2004, p. 227). Logo, a partir desta ascensão de Cristo, o qual “levou cativo o cativo e concedeu dons aos homens” (v. 8) parece haver a indicação de que Jesus levou uma multidão de cativos e, por ser Cristo o vencedor ou conquistador, recebeu dons, os quais pode ofertar e distribuir, conforme prática de conquistadores nos tempos antigos:

Após cada conquista, o tributo era recebido e dádivas eram distribuídas. O que tomavam de seus cativos, os conquistadores davam para seu próprio povo. Os espólios eram divididos; a pilhagem era compartilhada. Paulo usa essa imagem para a ascensão de Cristo. Jesus ascendeu como conquistador à destra do Pai, sendo seu grupo de cativos os principados. (STOTT, 2019, p. 77)

Nos versículos 9 e 10, Paulo retoma o tema da subida ou ascensão de Cristo, ao registrar que “Ora, que quer dizer subiu, senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas.” Hendriksen sintetiza bem a explicação destes versículos ao afirmar que

como resultado da descida de Cristo ao inferno do Calvário, onde fez expiação pelo pecado, e de sua subsequente ressurreição e ascensão, que serviram como evidência de que esta expiação fora plenamente aceita, Cristo, como o agora exaltado Mediador, enche o universo inteiro com “bençãos” ou, se preferir, com “dons”. (2004, p. 230)

O apóstolo continua na direção de demonstrar o aspecto da diversidade ao apontar entre os versículos 11 e 12 diferentes ministérios concedidos por Cristo, a saber, apóstolos,

profetas, evangelistas, pastores e mestres. As pessoas que recebem tais dons são representantes de Cristo, que os concedeu, e devem fazer uso de seus ministérios não para benefício próprio e individual, mas o exercício desses diversos dons deve ter o objetivo de aperfeiçoar o povo de Deus, e assim gerar benefício “para a edificação do corpo de Cristo” (v.12).

A prática destes diversos dons para aperfeiçoamento do povo de Deus deve ser algo contínuo, pois através dela será possível prosseguir “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo” (v. 13). Quanto a esta unidade, Paulo a relaciona com a coletividade, perceptível não somente através do uso da palavra “todos” (πάντες), mas também pela frequente utilização dos verbos na primeira pessoa do plural neste e nos versículos seguintes: v.13: καταστήσωμεν (cheguemos), v.14: ὦμεν (sejamos) περιφερόμενοι (levados), v.15: αὐξήσωμεν (cresçamos). Logo, abrangendo o próprio Paulo, esta coletividade pode ser destacada, pois “a plena unidade é madura, e o contexto parece exigir sua compreensão de maneira coletiva. A igreja é representada como um organismo único, o corpo de Cristo, e deve chegar à estatura adulta” (STOTT, 2019, p. 82).

Entre os versículos 14 e 15 a maturidade cristã é realçada por Paulo através de duas perspectivas antagônicas. O versículo 14 apresenta a visão negativa pelo não alcance desta maturidade, em que Paulo aplica aos imaturos a figura de meninos (νήπιοι), um termo que remete a “uma criança pequena, que não é mais um infante indefeso, mas que provavelmente não tem mais do que três ou quatro anos de idade.” (LOUW; NIDA, 2013, p. 100). Portanto, alguém bastante sujeito a ser manipulado negativamente por erros doutrinários e artimanhas que conduzem ao erro.

No versículo 15, para seguir a direção oposta e alcançar a maturidade, Paulo orienta que “cresçamos” (αὐξήσωμεν) em Cristo. O sentido do verbo αὐξάνω é bem apresentado pelo Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento:

É somente ao lembrar-se da sua origem, que é dada em Jesus Cristo (1 Co 3:11) que a igreja pode ter crescimento verdadeiro. O pensamento aqui não trata exclusivamente do aumento em números, mas também da maturidade e da consolidação da comunidade em Cristo, a partir da qual crescem naturalmente as boas obras [...] Ef 4:15-16 mostra como este crescimento deve se realizar. Quando se fala a verdade em amor, e o amor opera seu efeito, a igreja cresce em Cristo, a única cabeça. (VERBRUGEN, 2018, p. 889)

No versículo final desta perícopa (v. 16), Paulo explica que a igreja, o corpo (σῶμα), só pode crescer e se desenvolver quando Jesus é considerado como cabeça (κεφαλή). O

sentido metafórico usado da palavra σῶμα “tem um significado específico em Paulo que se refere não mais a um indivíduo, mas a um grupo [...]. O corpo constitui a unidade e, nesse sentido, pode ser descrito como corpo de Cristo.” (VERBRUGGE, 2018, p. 576). Complementando a imagem paulina desenvolvida, a igreja deve considerar Jesus através do sentido usado por Paulo para a palavra grega κεφαλή (cabeça): “alguém que tem status preeminente ou supremo, em função de autoridade para mandar ou ordenar - “alguém que é superior a, alguém que tem supremacia sobre, alguém que tem autoridade sobre” (LOUW; NIDA, 2013, p. 657).

Por isso, é imprescindível que haja tanto o governo de Cristo quanto a harmonia entre diferentes membros para haver o “aumento para a edificação de si mesmo” (v. 16), ou seja, para que a igreja possa ter seu crescimento e edificação. Como sintetiza Hendriksen, “quando todas as partes individuais (membros) cooperam, a igreja toda cresce espiritualmente com vistas à sua própria edificação em amor” (2004, p. 242).

3.4. Considerações sobre o chamado à unidade na diversidade

Neste capítulo final foram desenvolvidas primeiramente análises sobre a diversidade tão presente nos períodos e sistemas religiosos abordados nos dois primeiros capítulos, e a partir disso, levantadas perspectivas diante de ambientes diversos e, por fim qual a orientação bíblica contida no capítulo 4 da carta do apóstolo Paulo aos efésios.

A primeira parte deste presente capítulo resultou na compreensão de quão diversos são os ambientes judaico do século I e evangélico brasileiro do século XXI, e como uma perspectiva de unidade em meio a diversidade pode oferecer uma abordagem mais equilibrada e adequada, conforme visto na segunda parte deste capítulo. Tal equilíbrio implica evitar tanto a visão exclusivista de si mesmo como o único grupo correto (sectarismo), quanto a tentativa de eliminar as diferenças de pensamento e expressão ao igualar todos de forma rígida (uniformidade).

Unidade em meio à diversidade é essencialmente a abordagem apresentada por Paulo na carta aos efésios em seu capítulo 4, versículos 1 ao 16, conforme defendido por Hendriksen (2004, p. 215) e observável pelo comentário exegético desenvolvido na terceira parte do capítulo desta pesquisa. Esta visão bíblica deve ser direcionadora para a igreja, logo ela precisa ser lembrada e aplicada, pois

Parece óbvio, mas, na prática cotidiana, parece que nos esquecemos de que Deus não é batista, metodista, presbiteriano ou assembleiano e, ao mesmo tempo, sim, ele é! Quando, e somente quando, a igreja compreender que as barreiras denominacionais e as limitações impostas por sistemas teológicos precisam ser encaradas como diferentes ramos da mesma videira, a expansão do evangelho se dará de forma muito mais relevante e impactante. (FALEIRO, 2022, p. 73)

Portanto, é necessário haver intenção e esforço em buscar aproveitar os pontos de diversidade, pois foi possível verificar tanto na parte final dos dois primeiros capítulos, quanto no contexto apresentado por Paulo aos efésios, que elementos de diversidade costumam ser muito presentes. E esta presença da diversidade não deve ser vista por um prisma negativo, mas sim para desfrutar dos benefícios que ela pode gerar no desenvolvimento de uma unidade cristã. Nesta direção,

é necessário saber harmonizar os pontos convergentes e não se deter nos divergentes. Aquilo que nos une como cristãos-evangélicos é bem maior do que os pontos que nos separam. O cerne da doutrina cristã é a essência do cristianismo — e é nessa essência que encontramos a base da nossa fé. Por exemplo, alguns criaram a ideia de que os reformados são apenas os calvinistas. Porém, a Reforma fez a separação entre qualquer pseudocristão e o cristão verdadeiro. Todo protestante, seja de linha histórica, seja pentecostal, tem sua base de fé e conduta na doutrina reformada. Confessamos os cinco *solas*, os quais resumem a nossa confissão de fé: 1) Só a Escritura. 2) Só Jesus Cristo. 3) Só a fé. 4) Só a graça. 5) Só a Deus glória. (BEZERRA, 2022, p. 55)

Paulo tratou do crescimento e maturidade que devem ser desenvolvidos a partir de uma abordagem que concilie e valorize a diversidade, seja de dons, pessoas, ministérios e de cada parte que constitui o corpo de Cristo. Por isso, trata-se de um chamado para a igreja. Mais precisamente, portanto, trata-se de um chamado bíblico a buscar unidade em meio a diversidade.

O resultado do atendimento do chamado bíblico da unidade em meio a diversidade proporciona algumas oportunidades e benefícios provenientes da unidade do corpo de Cristo, pois

Uma postura madura e prática seria localizar-se em sua própria tradição evangelical (qualquer que seja ela: calvinista, anglicana, metodista, batista ou pentecostal) e enriquecê-la em diálogo com outras tradições. Calvinistas podem aprender com a liturgia anglicana; batistas, com a concepção de união mística com Cristo da tradição calvinista; pentecostais podem vibrar de alegria com a ênfase de Lutero na vitória expiatória de Cristo na cruz; luteranos podem manifestar a piedade wesleyana; e anglicanos podem aprender com o fervor pentecostal pela evangelização. Tudo isso amplia nosso senso de unidade cristã e enriquece nossa própria tradição confessional. (MIGUEL, 2016, p. 70)

Possuir a consciência de tantas vertentes existentes no meio evangélico brasileiro atual deve permitir conduzir os cristãos a perceber as diferenças como oportunidades de usufruir de toda a beleza também na diversidade presente entre as diferentes tradições evangélicas, sem obviamente eximir-se da responsabilidade do contínuo exame e críticas necessárias.

Portanto, esta busca por unidade deve ocorrer em conjunto com um cuidado para que isso não resulte em uma aceitação acrítica de erros e doutrinas antibíblicas, visando a unidade. Nesse sentido, é essencial o cuidado para haver uma distinção entre meras ênfases doutrinárias e heresias que contrariam princípios básicos da fé, situação esta que demanda uma postura de separação e distanciamento. Por isso,

Qualquer iniciativa de unidade cristã, sem romantismo, ou utopias idealistas, precisa considerar seriamente um ambiente de diálogo franco e fraterno ao redor de verdades centrais. A unidade cristã não é possível sem um núcleo confessional mínimo e sem um sistema de referências a respeito dos que se colocam à margem ou fora do espectro da verdade evangélica. (MIGUEL, 2016, p. 69)

Uma vez considerada a proposta bíblica contida em Efésios capítulo 4 e o chamado da unidade em meio a diversidade, a presente pesquisa entende ser este o caminho: uma análise crítica inicial que permita avançar para o diálogo, a convivência, e o compartilhamento das diferenças que promovam a cooperação de todas as partes visando o crescimento da igreja de Cristo. Antes de prosseguir para considerações finais da presente pesquisa, o capítulo atual conclui-se com as orientações das palavras registradas por Paulo: “com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz” (Efésios 4.2,3).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa foi desenvolvida buscando avaliar se o judaísmo, no período entre 30 e 70 d.C, apresentava grupos com características de diversidade, de maneira semelhante ao que é observado no cristianismo, do momento presente, com as diversas vertentes evangélicas brasileiras. Para tanto, o trabalho foi constituído de três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado *Judaísmos da primeira geração após Jesus*, pesquisou quais os principais grupos religiosos do judaísmo deste período indicado no título, suas origens e características distintivas de cada grupo, e ainda apontou a existência de convergências extremamente relevantes entre estas vertentes judaicas.

O desenvolvimento do segundo capítulo, denominado *Cristianismos evangélicos do Brasil no século XXI*, apontou origens históricas e características de algumas das principais igrejas evangélicas brasileiras presentes no século atual. Impressiona o resultado deste capítulo, ao demonstrar também como elementos de convergências significativos ocorrem entre as igrejas estudadas de vertentes histórica, pentecostal e neopentecostal.

O capítulo final, *Comparativos judaico-cristãos e perspectivas diante da pluralidade*, procurou identificar elementos de diversidade que similarmente se desenvolveram nos dois contextos pesquisados. Esta atividade foi essencial para aprofundar a compreensão, já inicialmente perceptível a partir da leitura dos dois primeiros capítulos, de que a atual pluralidade no contexto evangélico brasileiro não é um fenômeno resultante de uma sociedade plural do século XXI ou das Reformas Protestantes ou de outros eventos históricos recentes, mas já estava presente em um momento muito anterior, a saber, no judaísmo do século I. Portanto, essa análise foi decisiva e precisamente ao encontro do problema apontado na pesquisa. Na sequência, o capítulo expôs ainda perspectivas possíveis frente a pluralidade: 1) sectarismo, 2) uniformidade e 3) unidade na diversidade, e como esta última se mostra a mais equilibrada e alinhada à proposta bíblica desenvolvida pelo apóstolo Paulo na carta aos Efésios e abordada nesta pesquisa através do comentário exegético desenvolvido.

Esta orientação bíblica estudada no terceiro capítulo da pesquisa foi escrita por Paulo, um homem que, pela sua vivência naquele contexto e autoidentificação como fariseu, conhecia muito bem o ambiente judaico estudado no primeiro capítulo, de divisões e partidos, e sabia o quanto essa divisão poderia ser danosa, a depender da situação. Tanto é que conhecendo tais dissensões judaicas, o apóstolo provoca uma discussão violenta

entre fariseus e saduceus no episódio relatado no livro de Atos, capítulo 23, versículos 6 ao 10. Logo, o próprio Paulo faz o chamado aos efésios para adotarem uma postura de unidade na diversidade, conforme estudado no capítulo três do trabalho. Esta orientação de Paulo perpassa os séculos, e se faz necessária também ao nosso tempo presente, estudado no segundo capítulo, um ambiente tão ou mais plural que o ambiente judaico examinado no primeiro capítulo.

A relevância prática proporcionada por esta pesquisa soma-se a relevância acadêmica obtida pela conexão pouco explorada entre esses dois períodos e sistemas religiosos.

A partir do desenvolvimento exposto ao longo dos capítulos, o trabalho confirmou a hipótese geral levantada no início da pesquisa, de que a pluralidade hoje presente na igreja evangélica brasileira não é um fenômeno observável somente no momento atual e nos últimos séculos, mas identificável também no judaísmo do século I, com natureza similarmente bastante diversa e plural, composto naquele momento pelos variados partidos. “É curioso notar como o contexto atual é bastante parecido com o do mundo do primeiro século, ao qual chegou a mensagem de Cristo, pois também era um mundo pluralista, onde havia muitas cosmovisões em competição pelos corações das pessoas.” (FERREIRA, 2007, p. 5). Igualmente, as hipóteses secundárias apresentadas no início da pesquisa também foram confirmadas nos capítulos desenvolvidos.

Embora o sentimento de satisfação esteja presente pelos resultados obtidos por este trabalho, ele não gera um tom derradeiro, pois outro sentimento, o de motivação, se apresenta fortemente ao considerar tantas possibilidades de ampliar e aprofundar esta pesquisa. Entre elas, por exemplo, analisar determinados momentos da história do cristianismo, como a formação da igreja oriental (atual Igreja Ortodoxa) e igreja ocidental (Igreja Católica Romana) no século XI ou as Reformas Protestantes no século XVI. Como a relação entre unidade e diversidade se apresentou nestes momentos? Trata-se de um dos pontos que ficam abertos para dar continuidade à pesquisa. Além deste, outro ponto com potencial a ser abordado é relacionado ao momento presente: como vertentes de igrejas católicas se apresentam nesta relação entre unidade e diversidade.

Este trabalho se conclui com a forte expectativa de que gere as mais diversas contribuições para a unidade dos cristãos, pois como o apóstolo Paulo ensina, há “um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Durvalina. “Os benefícios da unidade e os malefícios da falta de unidade para a produção e o ensino do conhecimento teológico e bíblico.” in: ZÁGARI, Maurício (org.). *Unidade perfeita: a vontade de Cristo para sua igreja imperfeita*. Rio de Janeiro: GodBooks, 2022.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo Testamento*. João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CONGREGAÇÃO CRISTÃ NO BRASIL. *Pontos de Doutrina*. Disponível em: <<https://congregacaocristanobrasil.org.br/institucional/doutrina>> Acesso em: 18 ago. 2023.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. *Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasil*. Disponível em: <https://convencaobatista.com.br/siteNovo/pagina.php?MEN_ID=22> Acesso em: 16 ago. 2023.

DEIROS, Pablo A. *História global do cristianismo*. Tradução de Reginaldo Souza. São Paulo: Editora Vida, 2020.

FALEIRO, Gustavo. “O impacto da unidade e as consequências da falta de unidade nas missões urbanas e nas transculturais” in: ZÁGARI, Maurício (org.). *Unidade perfeita: a vontade de Cristo para sua igreja imperfeita*. Rio de Janeiro: GodBooks, 2022.

FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013.

FOULKES, Francis. *Eféssios: introdução e comentário*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo. - 2ª ed. - São Paulo: Vida Nova, 1983.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. 1993. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

GRUDEM, Wayne A. *Teologia sistemática: completa e atual*. Tradução de Norio Yamakami et alii. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2022.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: exposição dos livros de Efésios e Filipenses*. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. Tradução de Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 1995.

HOUAISS. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/>. Acesso em: 18 out. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico de 2010*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>> Acesso em 15 ago. 2023.

IGREJA MUNDIAL DO PODER DE DEUS. *No que cremos*. Disponível em: <https://impd.org.br/institucional>> Acesso em: 18 ago. 2023.

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL. *Doutrina*. Disponível em: <https://ipb.org.br/content/Arquivos/A_Confissao_de_Fe_de_Westminster.pdf> Acesso em: 18 ago. 2023.

IGREJA PENTECOSTAL DEUS É AMOR. *Fundamentos de fé*. Disponível em: <<https://ipda.com.br/pagina/75574/fundamentos-de-fe>> Acesso em: 18 ago. 2023.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. *Em que cremos*. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/>> Acesso em: 18 ago. 2023.

IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL. *Perguntas e Respostas*. Disponível em: <https://www.ielb.org.br/institucional/perguntas-respostas&r=1>> Acesso em: 09 nov. 2023.

JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Tradução de Vicente Pedroso. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

KELLER, Timothy. *Igreja centrada: desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no evangelho*. Tradução de Eulália P. Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LABATUT, Farley. "Unidade não é uniformidade." in: ZÁGARI, Maurício (org.). *Unidade perfeita: a vontade de Cristo para sua igreja imperfeita*. Rio de Janeiro: GodBooks, 2022.

LIVRO DE CONCÓRDIA - AS CONFISSÕES DA IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA. Tradução de Arnaldo Schuler. São Leopoldo: Sinodal; Canoas: Ulbra; Porto Alegre: Concórdia, 2006.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene (eds). *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

MACHADO, Jonas. *Anjos, sacerdotes e místicos: identidade e sectarismo nos cânticos do sacrifício sabático dos manuscritos do mar morto*. São Paulo: Annablume Arqueológica, 2015.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal*. Revista Estudos Avançados, n. 18, p. 121-138, 2004.

_____. *Mudanças no Campo Religioso Brasileiro no Censo 2010*. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/43696>.> Acesso em: 16 ago. 2023.

MATOS, Alderi Souza de. *A pregação dos pioneiros presbiterianos no Brasil: uma análise preliminar*. Fides Reformata IX, Nº 2. 2004.

_____. *A atividade literária dos presbiterianos no Brasil*. Revista Fides Reformata XII, n. 2, p. 43-62, 2007.

_____. *Breve história da educação cristã: dos primórdios ao século 20*. Fides Reformata XIII, Nº 2. 2008.

MENZIES, P. Robert. *Pentecostes: essa história é a nossa história*. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2016.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1984.

_____. *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*. Revista USP, n. 67, p. 48-67, 2005.

_____. *Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura*. Revista USP, n. 74, p. 160-173, 2007.

MIGUEL, Igor. "Igreja evangélica: as heresias tratadas" in: DULCI, Pedro (org.). *Igreja sinfônica: um chamado radical pela unidade dos cristãos*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

_____. "Unidade evangélica e catolicidade: o espírito entre cacos." in: ZÁGARI, Maurício (org.). *Unidade perfeita: a vontade de Cristo para sua igreja imperfeita*. Rio de Janeiro: GodBooks, 2022.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. *Centelha em restolho seco: uma contribuição para a história dos primórdios do trabalho Batista no Brasil*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

PEREIRA, José dos Reis da Silva. *História dos batistas no Brasil*. 3.ed. ampliada e atualizada. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PETERSON, Eugene. *A maldição do Cristo genérico: a banalização de Jesus na espiritualidade atual*. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

PORTE JÚNIOR, Wilson. *Os Batistas e Suas Origens*. 2011. Disponível em: <http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/Os_Batistas_e_Suas_Origens.pdf>.

Acesso em: 30 out. 2023.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. *Noções do Grego Bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

REINKE, André Daniel. *Aqueles da bíblia: história, fé e cultura do povo bíblico de Israel e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

_____. *Nós e a bíblia: história, fé e cultura do judaísmo e do cristianismo e sua relação com a bíblia sagrada*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

SCARDELAI, Donizete. *Da religião bíblica ao judaísmo rabínico: origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu*. São Paulo: Paulus, 2008.

SCOTT Jr, J. Julius. *Origens judaicas do Novo Testamento: um estudo do judaísmo intertestamentário*. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. São Paulo: Shedd Publicações, 2017.

SCHUBERT, Kurt. *Os partidos religiosos hebraicos da época neotestamentária*. Tradução de Isabel Fontes Leal Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1979.

SHELLEY, Bruce L. *História do cristianismo: uma obra completa e atual sobre a trajetória da igreja cristã desde as origens até o século XXI*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

SIQUEIRA, Gutierrez Fernandes. *Reino dividido: como o pecado do sectarismo sabota a vontade de Deus para a igreja*. Rio de Janeiro: GodBooks, 2021.

SOARES, Esequias (org.). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

_____. *O verdadeiro pentecostalismo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.

STOTT, John. *Cristianismo equilibrado*. Tradução de Mariane Lin. Viçosa: Ultimato, 2017.

_____ ; LE PEAU, Andrew T. *Lendo Efésios com John Stott*. Tradução de Valéria Lamim Delgado Fernandes. Viçosa, MG: Ultimato, 2019.

TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. Tradução de Antônio Fernandes. São Paulo: Shedd Publicações, 2008.

TOGNINI, Enéas. *O período interbíblico: 400 anos de silêncio profético*. São Paulo: Hagnos, 2009.

VERBRUGGE, Verlyn David. *Novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento: edição condensada*. Tradução de Alexandros Meimaridis, Paulo Sergio Gomes. São Paulo: Vida Nova, 2018.

WALLACE, Daniel B. *Gramática grega: uma sintaxe exegética do novo testamento*. Tradução de Roque Nascimento Albuquerque. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WRIGHT, Nicholas Thomas. *O novo testamento e o povo de Deus: origens cristãs e a questão de Deus*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2022.

ZÁGARI, Maurício (org.). *Unidade perfeita: a vontade de Cristo para sua igreja imperfeita*. Rio de Janeiro: GodBooks, 2022